

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

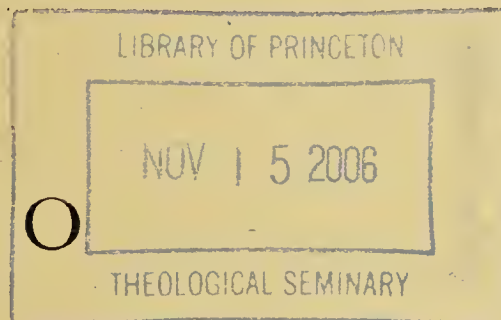
REVISTA INTERNACIONAL LAP DO ESPIRITISMO

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

(De 1925 a 1938)

SUMÁRIO



A Allan Kardec, venerado mestre e
excelso Codificador do Espiritismo
A Matança
Ainda, Hipnotismo e Espiritismo .
Bem-aventurados os simples e hu-
mildes
Serões Bíblicos – II
Não Matarás
Relações da mediunidade com os ca-
sos de doença psíquica
Do Testemunho
A Bíblia Sagrada
Que pena, Senhor !
Terão Alma os animais ?
Saldanha Marinho
Crônica Estrangeira
Espiritismo no Brasil

Vianna de Carvalho
Henrique Rodrigues
V. O. Casella

Carlindo Dias
Luiz Caramaschi
Oswaldo Requião

Irmão Saulo
v. lirenedo
Philemon
Aleixo Victor Magaldi
General Levino C. Wischral
Mac Maynard
Redação
Redação

Interpretação Sintética do Apocalipse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prelo e está à venda, a 7.^a edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALÍPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

É um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutei recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. É um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— À venda na Livraria «O Clarim». Preço: cr\$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

UMA GRANDE VIDA

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seara espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, ve-

reis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do vero cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.\$ 60,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, nova edição dêste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em tôdas as suas modalidades. É um trabalho sintético e bem cla-

ro, os seus ensinamentos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.\$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Natal dos Pobres

Prezado irmão: Saúde e paz em Jesus.

Está se aproximando a data magna do Cristianismo, 25 de Dezembro.

Nesse dia, como nos anos anteriores, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza» procurará reunir, em sua sede, as famílias necessitadas e distribuirá entre as mesmas os donativos que os corações bem formados lhes ofertarem por nosso intermédio, numa justa homenagem a Jesus que deu a sua vida em holocausto pela redenção da humanidade.

Assim, a Comissão Organizadora do Natal dos Pobres amparados pelo Centro Espírita «Amantes da Pobreza», cumprindo o maior preceito de Jesus — que é o amor ao próximo — e no louvável intuito de proporcionar aos necessitados um alegre Natal, solicita de V. S. uma dádiva, que pode ser em dinheiro, gêneros alimentícios, tecidos, roupas novas ou usadas, pois tudo concorrerá para aliviar e alegrar êsses corações que esperam de nossa parte o nosso concurso benfazejo.

Antecipadamente agradecida, a Comissão pede a Jesus que lhe retribua em saúde, paz, alegria de coração, um Feliz Natal e um Ano de 1961 cheio de prosperidades materiais e espirituais.

Matão, setembro de 1960

A COMISSÃO :

Chiquita Fonseca	Zélia Silveira Perche
D. Rosa Fonseca Fratine	Leonor da Cruz Jorge
Antoninha Perche Campêlo	Clotilde Cunha
Izabel Perche Camargo	Juraci Pedro
Leticia M. Olson	Claudeni Gonçalves
Anita Sampaio Miniucci	Cândida Gonçalves
Dirce R. Barbosa Mariani	Carmen Torres
Eliza Vanucci Machado	Jenny Perche Silveira

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabiliza pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo*

REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

A Allan Kardec, venerado mestre e excelso Codificador do Espiritismo

Vianna de Carvalho



AIRAVA ainda nos âmbitos da Europa o estridor das demolições perpetradas pelo escopro inexorável da Enciclopédia.

Os horizontes da Civilização se afogavam na espuma dos ódios revolucionários.

A França, para inscrever os direitos do homem no código sereno da Justiça, desencadeara uma hecatombe horrível.

Caudais de sangue tinham ensochado o solo, em que, mais tarde a árvore da liberdade deveria abrir a sombra amiga, protegendo os humildes e os fracos contra as cóleras do despotismo.

Na fauce hiante daquela voragem, assinalando o trágico expirar do século dezoito, não se sumiu apenas um trono, mas todo um passado coberto de labéus e ferido de morte pela condenação das consciências revoltadas.

As crises históricas têm o seu cortejo pavoroso de iniquidades, as suas aberrações e anomalias resvalando no crime, mas também resplandecências redentoras se esparzindo gloriosamente por sobre o montão de ruínas que semeiam na passagem veloz. A reforma das agremiações humanas, combalidas por vícios tradicionais, aprisiona em seu

bojo tempestades condensadas pela imprevidência dos legisladores.

Se o dinamismo irresistível da evolução arranca as raízes das tiranias, ao mesmo tempo desfere golpes nas armaduras das aspirações de cuja vitalidade haure os lauréis de seus triunfos.

O poder esmagado de Luiz XVI não valia a cabeça genial de André Chenier, rolando do cadafalso ao trigrino clamor das multidões desvairadas.

Quando Voltaire, Diderot, Montesquieu, Condorcet... faziam fermentar, com análises perscrutadoras e audaciosas teorias, os germens de um cataclismo social, nem pressentiam sequer a série tenebrosa de atentados, desfraldada depois em nome da Ciência, do Progresso e da Fraternidade.

Por isto, os alvares do século das luzes, surgiam tintos dos funéreos reflexos exalados ao crepitar das batalhas fumegantes.

A torrente das agitações intestinas revolvera tumultuariamente os esteios da ordem administrativa, econômica e intelectual de um povo se arremessando para o futuro, em busca de seus ideais frustrados por um longo tirocínio de provanças e obscurantismo.

Destarte, após aquêlê arrojo titânico, sob cujas ondas fragorosas tantas

existências naufragaram, persistiria, como persistiu, o frêmito de aniquilar quanto era ainda vestígio das gerações caducas.

As águias napoleônicas transpunham neves alpinas, sorridentes planícies da romanesca Itália, franjas alvacentas do Mediterrâneo, e iam-se agasalhar no topo das pirâmides petrificadas em plena vastidão dos areais infindos.

Os prelúdios de uma glória, soerguida ao estourar das metralhas, já cobriam de cinzas o cadáver das instituições, amparadas um momento pelo verbo flamívomo de Mirabeau nas assembleias submissas à fascinação da eloquência.

Precursores nimbos de borrasca visinha mareavam o azul do Velho Continente.

Muito em breve, legiões sombrias, devorando as distâncias com a impetuosidade das avalanches soltas, tinham de assentar seus arraiais em Austerlitz, Wagram, em Saragoça... ao som de músicas guerreiras abafando os soluços das vítimas ceifadas.

Nessa hora de suprema angústia, parecia que se cerravam as pálpebras divinas nos penetrais do Infinito.

Não formulemos, porém, conjectura tão blasfema; pois nesse mesmo ano em que Pio VII esquecia as suntuosidades anti-religiosas do Vaticano, ao vir coroar Bonaparte em Paris, um meigo Espírito se exilava das alturas felizes, descendo à Terra no cumprimento de uma esplêndida missão altamente regeneradora.

Sabeis-lo... êsse Espírito seria o insigne codificador de uma doutrina em cujo seio há repouso para tôdas as fadigas, bálsamo para todos os infortúnios e esperanças para tôdas as incertezas de nossa mísera existência.

Allan Kardec, enviado pela misericórdia celeste, vinha renovar as promessas de Jesus, restabelecer a pureza de seus ensinamentos, falseados através das idades, e erigir o lábaro da Nova Revelação sobre o cairel de mil conturbadas paixões.

A tarefa assumia relevos verdadeiramente desanimadores.

Nas épocas de transição, só os gigantes do pensamento envergam a enfiatura de aço, personificada nesse he-

rói da grega mitologia que estrangulou a hidra de Lerna, domou o touro da ilha de Creta e conseguiu subtrair os frutos de ouro do jardim das Hespérides.

Kardec mediou a travessia eriçada de abrolhos, cavada de pélagos vorazes, com êsse olhar da águia que aprende, desde nova, a só fitar os alcantis altérrimos.

A sua responsabilidade era tão grande como a obra, a cuja edificação vinha consagrar tôdas as energias e estremecimentos de uma alma que se devota ardentemente à causa do bem comum.

Vacilar ou esmorecer, seria o retardamento do progresso humano em sua marcha ascensional aos páramos da luz.

Aquêlê Titã do Espiritualismo contemporâneo, antes se deixaria esmagar



Allan Kardec

ao peso de desventuras imensas, do que retroceder em face das oposições levantadas pelo egoísmo dos sistemas filosóficos e credos religiosos a se digladiarem encarnicadamente.

Iniciada a trajetória que se traçara, obedecendo aos nobres impulsos de uma compleição diamantina, seguiu-a sem discrepâncias até ao marco extremo, com a serenidade dos justos e o desassombro dos fortes coroando-lhe a frente em fúlgidos diademas.

As farpas da inveja e da calúnia, a baba dos preconceitos, os gritos dos interesses inconfessáveis feridos em seus redutos, debalde se insurgiram contra os salutareos princípios enfeixados posantamente por sua lógica de bronze.

Êsses embates sem norte se estilhaçavam de encontro à couraça de suas convicções luminosas.

É que êle era a viva encarnação da tenacidade posta ao serviço de sentimentos puríssimos.

Por fim as tubas do triunfo desatavam já as suas festivas notas, quan-

do a morte o surpreendeu ao retinir das pelepas.

O estrênuo lidador caiu como o cedro da floresta ao sopro dos furacões, mas o seu Espírito ascendeu mais refulgente aos visos da imortalidade.

* * *

Mestre, a esta hora, por tôda a parte, hinos de gratidão se evolvem em torno de tua memória estrelejada de bênçãos.

A família espírita universal curva-se agradecida pelos benefícios que nos legaste, legando-nos também o exemplo fecundo de tantas abnegações dignas sòmente dos missionários da Verdade.

A doutrina que pregaste—a mesma de Jesus—continua de pé, como o rochedo que no alto mar a fúria das vagas desafia.

Não prevaleceram contra ela os golpes arremessados pelos ódios e injustiças venenosas de teus contemporâneos.

É à própria Ciência que se impõe o dever de proclamar, pela voz de seus luzeiros, a inquebrantável solidez do Espiritismo.

Sòmente, ainda não soou o instante de nossa completa regeneração.

Até hoje os espíritas não se penetraram suficientemente dêsse raios vivificantes, que são o amor, a justiça e o perdão...

Ajuda-nos, pois, a transpor os abissimos interpostos entre a nossa tristíssima condição de degradados e a inalterável felicidade destinada a tôdas as criaturas pela misericórdia sem términos do Pai Celestial.

(Extraído de «Reformador»)

A Matança

Henrique Rodrigues

MUITO nos compunge a «pena de morte», mas nos compunge muito mais a existência dos que se subordinam a ela. Revolta-nos os reajustes reencarnatórios que jungem o indivíduo a penas de «cegueira», «mudez», «idiotia», «paralisia», «aleijões», «loucura», «lepra», e infinidade de desequilíbrios psíco-físicos. Mas, a nossa revolta é contida pela compreensão das leis da vida. Uma aparente punição, representa o reajuste necessário. Assim age a justiça divina, para o bem das criaturas. Para que o mau seja coagido, primeiro pela dor, depois pela compreensão, a tornar-se bom. E assim, a humanidade futura, não abrigará cegos, mudos, idiotas, paralíticos, aleijados, loucos, leprosos e doentes. Cabe-nos investir contra as causas, para que os efeitos cessem.

A «pena de morte» vem de longe. Acompanha o homem desde as primícias da vida animal. O ser individualizado matava para alimentar-se e para defender-se. Evoluindo o ser, o morticínio evoluiu também. A «pena de morte» acompanhou a complexidade e amplitude das vidas mais altas e, transfor-

mando-se aquela individualidade animal em homem, acompanhou êsse homem até os nossos dias.

Mata-se por amor, nos lances de ciúme, por ódio nos descontrôles da revolta. Mata-se por vaidade, por orgulho, por prepotência, por ignorância e até por simples perversidade. Mata-se por princípios políticos, eugênicos, econômicos e até, por razões religiosas, «para maior glória de Deus». Os homens matam homens e animais sob inúmeras justificativas: Honra, glória, esporte, MÊDO, imprevidência, conveniência... Mata em sua defesa, na defesa de sua família, de seus bens e de sua pátria. Quantos morticínios o patriotismo não justifica?... Mata-se fisicamente e moralmente. Aqui é o punhal que dilacera o corpo físico, alí a lâmina afiada de uma língua má, que estraçalha a dignidade moral de alguém. Sangue e lágrimas, pretendem lavar o que é indelével.

O homem mata em nome da justiça...

Êsse foi o caso de Caryl Chessman.

E, por causa de Caryl, uma onda elevou-se e, na crista dessa onda, a custa de um fenômeno diário, muita gen-

te procurou fazer profissão de fé contra a «pena de morte». Aparência, só aparências... A Sociedade Protetora dos Animais, com uma existência muito mais simbólica do que atuante, quando do lançamento, pelos «famigerados» russos, de um satélite com uma cachorrinha, fêz uma onda bem semelhante, EM PROTESTOS, com a onda provocada pelo julgamento, condenação e execução de Chessmam.

Dois casos !... Chessmam e Laika !... EE. UU. e U. R. S. S. !... Dois condenados pela justiça codificada pelos homens. A justiça social e a justiça científica. Alguém dirá :

— Mas, existe uma diferença fundamental. Não é possível comparar um homem e um cachorro...

Entretanto, em inúmeros casos, o animal é mais útil e menos agressivo do que o homem. Talvez Laika não fizesse o que Chessmam fêz. Mas, não estamos neste artigo com margem para estudar o que foi constatado, alegado ou negado no caso de ambos. Êles são dois símbolos e, por sinal, tristes símbolos, entre inúmeros outros que morrem pelas mais variadas «razões». Em outro artigo, se for possível, estudaremos nesse modo de ver a figura do criminoso, da vítima, dos jurados, do juiz e do carasco. O monismo a todos enquadra num reajuste e numa tarefa afim e necessária.

O Brasil, pela boca de inúmeros de seus filhos, aproveitou a onda e gritou bem alto contra a «pena de morte» de Chessmam e de Laika. Dir-se-ia que tal clamor originava-se de uma terra de bem-aventuranças onde a «pena de morte» está banida. E gritam os exaltados :

— No Brasil não temos fôrca, guilhotina, cadeira elétrica, pelotão de fusilamento ou câmara de gaz.

E a patriotada verde e amarela exulta com a SUPERIORIDADE DE NOSSAS LEIS. Aparência, somente aparência. A realidade é outra.

Entretanto, passada a onda, os «exaltados contra a pena de morte» e a Sociedade Protetora dos Animais, voltam ao velho soninho antigo e deixam o mundo entregue ao seu natural desenvolvimento. Protestam por Laika, mas

olvidam as inúmeras Laikas que perambulam por nossas ruas, famintas, hidrofobas, sarnentas. Calam ante as torturas dos carros de gado, dos matadouros, das rinhas de galos, das carroças. Não protesta por um pangaré que tenha morrido sob o chicote, em algum recanto dêsse Brasil, onde não existe a «pena de morte». Isso não daria cartaz, daria trabalho e trabalho ninguém quer.

O ser que mata sua mãe ou a mãe que trucidada seu filho merece a nossa compaixão, mesmo que o façam com requintes de perversidade. Mas, dizia Confúcio com admirável sabedoria : — «O bem se paga com o bem. O mal se paga com a justiça, para benefício do mal». Nós, os espíritas, sabemos que o criminoso, quase sempre está «envolvido». Mas tal condição, não lhe outorga o direito de matar, não o exime da responsabilidade do delito, porque de qualquer forma êle é participante ativo, por deliberação ou invigilância. Devemos nos condoer do criminoso, qualquer que seja o tamanho e gravidade de seu delito, mas não podemos nos olvidar da figura da VÍTIMA. No crime de alguém, há uma parcela de responsabilidade que recái sobre tôda a humanidade, sobre cada um de nós.

Nossa compaixão deve, necessariamente, ser maior pela criatura que foi sacrificada pelo criminoso. Porque, «se ninguém veio escalado para ser assassino», MUITO MENOS alguém reencarna para ser assassinado. EIS AÍ O NÓ da questão. O livre arbítrio, embora relativo e subordinado a influências e graus de amadurecimento, NOS TRANSES DE VIOLÊNCIAS, está com o que detem a arma homicida. Êle é livre de matar ou não, mas, tomando a decisão de matar, caça, cancela, a futura vítima, qualquer condição além do determinismo. Não há alternativa para a segunda. Meditem no recente caso da moça que matou uma criança de quatro anos, incendiando-lhe o corpo ainda vivo. Ainda aí, a criminosa merece a nossa compreensão... A criminosa poderia deixar de sê-lo. A menina, entretanto, *nada, absolutamente nada, nesta vida*, poderia fazer para deixar de ser vítima. Ambas merecem a nossa piedade. Mas, a escolher uma para o alvo de uma quota maior, inegavelmente, não podemos deixar de preferir a menina, A VÍTIMA.

Quando inúmeros brasileiros ou organizações de nossa pátria protestavam junto aos governos americano ou russo, esqueciam a procissão de assassinatos, estrupos, raptos, roubos, violências, chantagens que a crônica policial registra diariamente em nossos jornais. É gente que morre de todo jeito. Na faca, na corda, na bala... Mas não é só. Um país onde, num dos bairros de sua antiga capital, Copacabana, UM FETO, é encontrado POR DIA, atirado nos labirintos de seus esgostos, não pode, evidentemente não tem fôrça moral para anatematizar outros povos, e vangloriar-se de não ter a «pena de morte» entre suas leis sociais. Porque eu digo: NÃO TEM CODIFICADA, o que seria melhor, mas tem GENERALIZADA, o que é pior.

ERA PREFERÍVEL QUE O CÓDIGO PENAL CONTIVESSE A EXECUÇÃO FÍSICA PARA DETERMINADOS DELITOS, mas que não transitasse por êle, nenhum processo subordinado aos seus rigores.

QUALQUER LEI É BOA se os homens são bons. NENHUMA LEI É PERFEITA, se aquêles para quem foi feita não desejarem a perfeição. Acreditamos, *positivamente*, que se uma lei é feita, deve ser obedecida. Se, a sociedade americana, proíbe a seus cidadãos determinados atos, para bem estar geral, e os comina, em caso de transgressão, com a pena de morte, ninguém poderá queixar-se dos rigores da lei, quando livremente quis transgredi-los. NÃO SOMOS APOLOGISTAS DA PENA DE MORTE. Somos apologistas, isto sim, do RESPEITO AS LEIS. Só o respeito as leis conduz a sociedade e o cidadão ao progresso e a paz. Respeitar as leis vigentes para evitar que elas incidam contra o contraventor. Porque, a chamar a «pena de morte» de assassinato legalizado, tal pecha terá de ser estendida à pena de prisão, que seria um «sequestro legalizado» e ainda a «multa» que seria a «extorsão oficializada». Qualquer pena, de morte, de prisão ou de «indenização», será injusta para o contraventor.

Entretanto, a justiça humana, tão limitada, não tem outros recursos para, de alguma sorte, conseguir um padrão razoável de ordem, de justiça, que proteja os bons dos maus, os ordeiros dos

desordeiros, os que respeitam dos que não respeitam nada e ninguém.

Segundo as estatísticas, no Brasil, por ano, mais de dez mil (10.000) pessoas são assassinadas. Por que morreram? Dizem que a «pena de morte» não diminuí o índice de crimes. Em tal caso, poderíamos dizer que a prisão e outras formas de penalidade, não diminuem também o índice de roubos e outras formas de subversão da ordem. Que propor então? Acabar com os presídios? Acabar com a justiça humana por sua reconhecida possibilidade de falência e exiguidade de meios coercitivos? Está provado que «cadeia» não regenera ninguém. E daí? Enquanto não fôr possível, por recursos financeiros e, principalmente, material humano, transformar os presídios em autênticos estabelecimentos de regeneração, cabe-nos tolerar os meios que se tem, para que o ambiente não seja tomado pelos maus. De qualquer forma, será interessante meditar sôbre o que nos dizem as estatísticas. Nos EE. UU., o índice de criminalidade é 60% menor do que no Brasil, com uma população superior em mais do dôbro. É possível, acreditamos mesmo, que a «pena de morte», a «prisão» e a «multa» não regenerem ou saneiem o ambiente, mas, de alguma sorte, amedrontam. Não existe uma estatística que englobe o numero de assassinatos que não se executam, por temor de consequências da parte dos possíveis assassinos.

Sei o que alegarão os mestres da casuística reencarnacionista dentro das leis de causa e efeito. Mas, em todos os tempos, a ordem entre os inferiores só pode ser conseguida pela disciplina, normas e condições IMPOSTAS, jamais por adesão espontânea, que seria um contra-senso. Talvez, aí esteja a razão da «pena de morte», da cadeia e de outras formas de punir.

Ninguém pode matar. Nem a sociedade e muito menos o indivíduo. Segundo a lei do Evangelho, «quem fere com a espada, por ela é ferido». E ainda: «ninguém deixará de pagar o último ceitil».

Preconizamos um trabalho mais amplo. Que a nossa atitude não se circunscreva ao protesto contra a «pena de morte» em pruridos de sentimentalismo. Que as nossas vozes não se façam

ouvir apenas quando êste ou aquêlê é levado a uma punição dessa natureza. Para melhorar o todo, as leis que regem a sociedade, mister, se faz melhorar o homem em sua unidade e as leis interiores que o regem. Se a «pena de morte» não fôr banida do coração humano, irrizório será omiti-la dos códigos penais. Não será retirando o nome de pântano ao que êle representa, que êste deixará de ser o que é. O necessário, urgentemente necessário, é deter a generalizada aplicação da pena de morte entre as criaturas. O homem e a mulher, responsáveis por serem co-participantes, em algum aborto, agem de maneira pior do que a justiça americana. Lá, o condenado foi julgado em tempo habil para defender-se, condenado e executado dentro de certas regalias. No aborto, a vítima, sem ter fei-

to outro crime que o de incorporar-se ao fluxo da vida, por um impulso que não foi seu, é *julgado* inconveniente, *condenado* à morte e *executado* sumariamente, sem que possa alegar ou fazer qualquer coisa em sua defesa. O espéculo, a sonda ou a droga que provoca uma delivrance prematura, é mais horrendo que a câmara de gaz de San Quentin.

No dia em que não existir assassinos, não existirão os pelotões de fusilamento, as cadeiras elétricas, as forcas e as guilhotinas. É necessário uma onda, uma vastíssima onda, para eradicar as causas. Saneadas estas, os efeitos deixarão de existir. A «pena de morte» existe porque ainda é grande a maldade nos homens e muito rudimentar a sua noção de responsabilidade perante a vida.

Ainda, Hipnotismo e Espiritismo

V. O. Casella

Sôbre os nossos rebates nas revistas, de Abril-Maio a Agôsto, ao que se escreveu no «Manual de Hipnose Médica e Odontológica», com relação ao Espiritismo, receberamos, do autor da obra, a cópia de uma sua carta, cuja gentileza agradecemos, enviada ao diretor desta Revista, sr. Watson Campêlo.

Uma vez que não se dirige a nós o conteúdo da missiva, não nos achamos autorizados para comentar o seu teor que, lamentavelmente, trata-se de um rompimento do nosso ilustre opositor com o nosso contato epistolar. Contudo, das suas várias reclamações, que achamos exageradas, além de sua solicitação ao sr. Campêlo, para nos contrarebater pelas páginas desta Revista, há um ponto sôbre o qual não podemos guardar silêncio. Reclama o autor de que na sua defesa publicada na revista de Agôsto último deixaramos sair apenas trechos esparsos de sua carta-defesa, ao invés de a publicarmos na sua íntegra.

Cabe-nos informá-lo de que aquêles trechos são justamente os pontos chaves nos quais está restrito o sentido de sua defesa. O restante, não publicado, trata-se da parte acessória que

em nada influe para modificar ou melhorar a sua tese. E como prova do que estamos declarando, vamos agora dá-la na íntegra. A parte chave por nós publicada na revista de agôsto passado, deixaremos grifada, destacando-se da outra não publicada naquela ocasião, e assim os leitores verão que esta agora integrada não altera o sentido daqueles trechos.

Vamos a ela:

«Rio, maio, 27.º, 60

Prezado Sr. Casella: —

Quero agradecer-lhe a gentileza da remessa que me faz de um exemplar da «Revista Internacional do Espiritismo» e no qual se insere um trabalho seu de análise e crítica ao meu livro «Manual de Hipnose Médica e Odontológica».

A par das bondosas referências que faz ao meu manual e a mim mesmo, nota-se em seu original, permitame acusá-lo, um honesto propósito de investigação e debate em tórno de um assunto que, percebe-se, apaixonou a nós ambos. Em linguagem comedida, alinhando uma cansativa pesquisa biblio-

gráfica, sem ataques pessoais e ofensas — tão comuns às críticas que tenho recebido da igreja — lê-se a sua crítica com respeito e com tal atenção que não se pode evitar a resposta e a justificação. É o que me apresso a fazer.

Pelo que percebi, V. S. baseia todo o seu trabalho em dois argumentos principais extraídos do meu livro: —

- a) o trecho contido à página 443 e no qual eu escrevo: — «Ali se trabalha sem método, desordenadamente; ali se trabalha com indivíduos que na sua maioria pertencem ao tipo débil, DESEQUILIBRADO, instável, com predominância histérica ou neurótica».
- b) o fato de eu não apresentar qualquer explicação fisiológica, dentro dos conhecimentos reflexológicos, para certos fenômenos observados na orla espírita, principalmente o estranho conhecimento que certos indivíduos têm de ciências que jamais estudaram.

Certo por enquanto?

O nobre amigo parece ofender-se quando percebe que chamo os espíritas de desequilibrados, a ponto de afirmar que o seu desejo é «... demonstrar a falsidade dessa declaração que vem atingir indistintamente os espíritas de desequilibrados.»

Nos parágrafos imediatos entrega-se a longa busca bibliográfica, alinhando nomes respeitáveis como Luiz Silva (a quem muito admiro), Henrique Roxo, Charles Richet, Crooks, Lombroso, Lodge, Flamarion, Nielson, Rhine, Kyaran, Sveisson, e outros, todos solidários com a sua tese de que não se justifica atribuir aos praticantes espíritas traços de insanidade mental. (A referência ao equilíbrio mental está em seu trabalho, pág. 31, 3.^a linha).

Tal afirmação de minha parte contrastaria inclusive com outra, a de que a capacidade de aprendizagem e a inteligência seriam fatores favoráveis a indução hipnótica.

Eis aí a tese principal de sua crítica, Sr. Casella. E eis que, lamento diz-lo em tais termos, mas não encontro melhor maneira de exprimir-me, V. S. não entendeu o que leu e perdeu um

tempo precioso para desdizer... o que eu não disse.

Cometeu com isso flagrante injustiça.

Em nenhum trecho do meu livro eu me referi aos espíritas como desequilibrados... MENTAIS.

A expressão «desequilibrado» que aparece ao lado das duas outras «débil» e «instável», são expressões reflexológicas, cujo sentido, V. S. não alcançou. Dê um pulo, por favor, às págs. 153, 154 e 155 do meu livro, art. 37, «Tipos Nervosos». E veja lá — procure entender, por favor — o que é um tipo nervoso débil (não confunda com tísico), que é um tipo nervoso instável (não confunda com volúvel ou pusilânime), o que é um tipo nervoso desequilibrado (nada tem a ver com insano mental).

Veja agora que V. S. construiu um castelo sôbre uma bolha de ar. Acusa que discutem o espiritismo de procurarem «falsos caminhos». E o que fez comigo? Inverteu o significado de uma palavra que não tem obrigação de conhecer dentro do seu conceito científico (é médico, sr. Casella?), e, por êsse falso caminho, atingiu-me violentamente. Não fôsse a sua crítica vasada em termos tão ponderados e cortezes, e eu não a responderia. Mas ao fim de seu ensaio, informa V. S. que voltará ao assunto. E daí a minha pressa em contestá-lo, a fim de alertá-lo, quem sabe? a tempo ainda de tirá-lo do falso caminho e fazer-me justiça. Há falhas em meu trabalho, sr. Casella. Muitas. Mas essa não é uma delas.

Vamos agora ao segundo tópico da sua crítica. De acôrdo com Richet (a transcrição é sua), a «explicação espírita é a mais aceitável» para certos fenômenos. Isso não importa em que ela seja a certa. *E no estudo dêste problema — V. S. que foi tão cuidadoso na pesquisa bibliográfica — cometeu um erro por omissão. Tais temas foram por mim discutidos mais amplamente num outro livro meu que V. S. demonstra não ter lido, «Hipnose e Letargia», da mesma Livraria Atheneu que editou o primeiro e que já está à venda há mais de um ano.*

Procure lê-lo, sr. Casella, concedendo-me essa honra. Veja em que termos coloquei a questão. Não resolvi o problema, absolutamente, mas apresentei uma

série de argumentos que tornam a minha tese também aceitável.

Quanto ao mais, sr. Casella, creia-me, agradeço-lhe as referências elogiosas. Gostaria que esta minha defesa merecesse a acolhida da sua Revista mas não lhe exijo isso. Deixo o problema ao seu critério, ao seu bom senso, à sua honestidade.

E aceite a certeza da estima deste amigo sempre às ordens.

Osmard Andrade Faria

(assinado)

Agora, os leitores interessados no assunto volvam por favor sua atenção ao nosso artigo, de Agosto passado, e ali lembrarão o nosso revide para aqueles trechos que aí agora estão grifados. O que ali disseramos prevalece também aqui nesta íntegra, pois a parte agora acrescentada, por ser acessória, sem alteração para o sentido concentrado naqueles trechos chaves, nada mais exige de nós.

Por este motivo surpreende-nos tal

reclamação, mas não nos faltou boa vontade em satisfazê-lo ainda em tempo, embora isto não resolva o impasse, pois continuamos sustentando o que afirmamos naquela refrega, como já dissemos, na Revista de agosto último.

Lamentamos o incidente, uma das causas culminantes do seu rompimento amistoso, e aguardamos com calma o choque de suas armas no campo polêmico de luta, conforme sua solicitação ao sr. Campêlo, para nos contra-rebater nas próprias páginas desta Revista. Para nós, seja qual fôr o resultado, tal ensejo nos será honroso, considerando-se a longa prática no setor jornalístico e a vasta erudição acadêmica do nosso contendor, que deverá saber manejar as armas na arte de escrever, com invejável arte e dextreza.

E aqui encerramos, mantendo-nos na espera dos acontecimentos futuros, que se aproximam.

15/9/60

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. de S. Paulo

Bem-aventurados os simples e humildes

Ele era simples e humilde.

Homem do campo, lidando com a Natureza, com ela confundia-se na luta de todos os dias. O trabalho, na sua mais bela expressão, constituia para ele o objetivo, a razão de sua vida. Todavia, jamais conheceu a ambição, olhando para o mundo com a simplicidade dos humildes. Em nenhum momento deixou-se emocionar com os sedutores acenos de uma vida diferente daquela que constituia o seu mundo.

Um dia, o amor tocou-lhe o coração. Encontrou a sua alma gêmea e a felicidade de sua vida simples ganhou intensidade. Era o máximo para quem pouco sonhara! Ela, a sua alma gêmea, deu-lhe afeição pura, dedicação extrema. Os senti-

mentos de ambos confundiam-se num mesmo ideal de amor. Eram duas almas que caminhavam para Deus! Dizer mais dessa felicidade, seria impossível, porque não se poderia descrever um pedaço do Céu na Terra!

Eis, porém, que os Superiores Desígnios, muitas vezes insondáveis para a criatura humana, determinaram profunda alteração naquele pequeno mundo de Paz e Amor; ela cêdo retornou à Pátria Espiritual, deixando-lhe um vácuo na alma aflita e quase sem rumo. Quedou o homem simples e humilde, envolvido na dôr de uma saudade que jamais lhe abandonaria! Mas, como «o sândalo que perfuma o machado que o fere», ele fez da própria saudade

a razão maior do seu viver. Cultivou-a no canteiro revolvido da sua existência, com o carinho de um jardineiro celeste. E prosseguiu na sua caminhada para Deus, transfundindo nos filhos, nos entes queridos, todo o grande amor que com êle ficara.

Honesto, fraterno, sereno, «não perdeu a fé entre as sombras do mundo, erguendo-a por luz celeste acima de si mesmo».

O tempo foi passando... e aquê-le homem jamais deixou de ser simples e humilde, em tôdas as suas atitudes.

Ao terminar a sua jornada na Terra, alguém, referindo-se à sua vida, disse que alí poderiam ser aplicadas as palavras de Paulo a Timoteu (4:7): «Combatí o bom com-

bate, acabei a carreira, guardei a fé».

Êle viveu com a humildade e a simplicidade que deve ser o apá-nágio dos Cristãos.

Qual era a sua religião? Não importa. Êle foi simples e humilde como Jesus recomendou!

Assim foi o meu velho pai, Armando Antunes Dias, cuja passagem para o Além se deu em 10 de Julho último, à Rua «A», Barra do Imbuí, Terezópolis (R. J.).

Paz e Luz sempre melhores ao seu Espírito. Jesus lhe conceda um despertar feliz, nos braços da companhia, que lhe antecedeu na viagem de volta.

Carlindo Dias

Volta Redonda, Agosto de 1960

Serões Bíblicos - II

Redator: LUIZ CARAMASCHI

(Continuação do capítulo II)

A velha Bíblia

— E mais (prossegue Árago): A conceituação de divindade marca o compasso da evolução. Diga-me o modo como conceituas Deus, ou como a êle ora, e dir-te-ei quem és. Ê por isso que Cristo substituiu o conceito de Jeová pelo de Pai nos Evangelhos; nisto também revogou o passado. Todavia o conceito de Deus-Pai está superado, porque Pai é um conceito pessoal, limitado, antropomórfico e Deus não pode ser entendido assim. Os conceitos se superam e nisto está o que se chama progresso. Mas é ilógico tomar-se o homem de sanha destruidora, como procedeu Lumbáio, arrasando os conceitos que serviram no passado, só porque dispõe de melhores no presente. Ninguém consegue pensar fora da sua época, e em qualquer julgamento histórico não se poderão desprezar as coordenadas lugar e época dos acontecimentos. Fazer co-

mo Lumbáio é agir como o pavão que, segundo as lendas, manifesta desdem pelos próprios pés, esquecendo-se de que sem pés não há pavão nem pavonadas...

Chilon—Agora sou contente, e sinto que as dificuldades se resolvem. Prossegui, portanto!

Árago—Vamos chegar a êste ponto por outros caminhos. Ajuda-me, com me responder às perguntas.

Chilon — De acôrdo.

Árago — Que é o átomo?

Chilon — Ê um sistema planetário no qual os elétrons, como se fôram planêtas em tórno do Sol, gravitam em redor do núcleo em tôdas as direções do espaço.

Árago—Isso é o que decoraste dos livros. Mas reflete agora com teus miolos, e não com os alheios. Um elétron percorre sua órbita 10^{15} vezes por segundo, isto é, 1.000.000.000.000.000 (um quatrilhão) de vêzes por segundo. E a pequenez dessa órbita é humanamente

inconcebível. De maneira que, com órbita tão pequena, e com tal velocidade, o elétron é onipresente em todos os pontos da sua trajetória, pelo que a órbita eletrônica se torna num anel, como o de Saturno. Estás entendendo?

Chilon—Nunca tinha pensado nisso, mas é; não pode deixar de ser assim. Agora já concebo o átomo como uma bola, se visto por fora, imaginariamente, uma vez que êle é constituído de argolas concêntricas, cada uma ocupando um plano diferente do espaço.

Árago — Chegaste então a conceber o átomo como uma bola, nada se assemelhando êle com sistemas planetários, onde esferóides lerdos giram em torno duma estrêla central, não em volume, mas em plano, como carróssel. De fato, «de um elétron que circula em torno do núcleo atômico com a velocidade de 50.000 km/seg numa órbita de 0,000.000.000.4 mm de diâmetro 10^{15} vezes por segundo, não se pode dizer em que ponto da órbita se encontra» (Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 77).

—Todavia, segundo os últimos resultados apresentados pelos matemáticos e físicos modernos, os corpos deformam-se com a velocidade; êles se encurtam no sentido do eixo da deslocação. «A Terra gira a 30 km/seg ao redor do Sol. Em consequência dêsse movimento, o seu diâmetro no equador é 10 cm mais curto do que seria se a Terra fôsse imóvel» (op. cit. I, 47).

— Ora, movendo-se o elétron a 50.000 km/seg, em sua órbita êle se achata como um disco. Assim o anel orbitário que o elétron forma ao redor do núcleo, não seria uma procissão de bolas, mas de discos, como moedas empilhadas ao longo duma circunferência. O turbilhão eletrônico (elétron) se achata e se abre para os lados numa onda estática, porque fechada no átomo. Desta maneira, aquela bola atômica que concebeste há pouco, passa a ter a configuração de uma esfera formada de anéis de algodão concêntricos. Entendeste?

Chilon — Estou vai não vai para perder o pé nestas profundezas.

Árago — Aguenta-te um pouco mais. Substituindo o modelo planetário atômico de Bohr, Schroedinger fêz outro, em que as órbitas eletrônicas são ondulatorias. Assim, «o átomo de Schroedinger é «uma nuvem carregada» em

que vibra uma neblina de energia» (Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 52). Entendeste agora o que seja o átomo e, conseqüentemente, a matéria?

Chilon—Acabei totalmente de perder o pé; já não entendo mais nada.

Árago — Acaso pensas tu que alguém entende? Digo-te que, por aqui, os rígidos conceitos científicos se evolvem em música e poesia! Sabes a que compararmos o átomo então, Chilon?

Chilon — A quê?

Árago — Fale Theógoras, o mestre meu, do qual engenho e arte herdei!... O átomo se compara a Paganini com seu violino!

Chilon — Que me dizeis?!

Árago — Quando, em Weimar, em 1829, Goethe ouviu Paganini pela primeira vez, teve estas palavras: «Faltame uma base para esta coluna de flamas e de nuvens. Ouvi simplesmente alguma coisa de meteórico e não me pude aperceber...» Tal o átomo, já dizia Theógoras: um turbilhão meteórico de flamas e de nuvens, cuja base se perde no inconcebível, até mesmo para o poeta!...

Chilon — Que bela figura achou vosso mestre Theógoras para o átomo e para a matéria! Antes o átomo era um sólido sistema planetário; agora é um violino tangido por invisíveis mãos divinas que tiram dêle os mais inconcebíveis aordes luminosos, e as mais extraordinárias variações produzidas pelos saltos quânticos nas órbitas!...

Árago—Porém isto, Chilon, é poesia, que não ciência; tu a sentes, mas não a entendes. Dá atenção agora para o que te vou dizer: que dirias de alguém que, podendo achar representação mental para êstes últimos conceitos da ciência, se pusesse a xingar de papalvos, de estúpidos, de asnos a Demócrito, a Galileu, a Newton, a Kepler e a outros que tais, só porque êstes, perentendo ao passado, não puderam chegar a esta conceituação?

Chilon — Diria que êsse sujeito é um ingrato, por isso que os últimos conceitos não se formariam, se não se formassem os primeiros.

Árago—Tornando agora ao nosso tema, digo, igualmente, que se não tivesse Abraão, não haveria Isaque, Jacó, Moisés, Davi e Cristo. Digo mais: assim como há evolução para as concei-

tuações científicas, as há, também, para as filosóficas, sociais, religiosas e morais. Abraão pode ter sido um cigano, como disse Lumbáio no seu desabafo anti-bíblico contra Alonstro; mas fêz isto de grande: criou o conceito de um Deus único, o qual dominou o ocidente inteiro. E êsses que falam mal de Abraão, como aquêle camelô, podem não ser como Abraão, porém sem dúvida nenhuma, apesar do adiantado do tempo, continuam sendo iguais a faraó e Abimeleque, no que concerne às mulheres alheias. Se não fôsse a fúria lúbrica de faraó e de Abimeleque, Abraão não precisaria temer por sua vida, como era de temer-se, pelo que se viu, depois, pelo sucedido. Logo, quando os homens deixarem de ser meras bestas, não mais farão violência aos Abraões pacíficos. Abraão não foi oferecer Sara a faraó, nem a Abimeleque; apenas previu o que sucederia se soubessem que era sua mulher, além de sua irmã ou prima. E as previsões se cumpriram e Sara foi levada para o harem daquêles sátiros brutos. Isto prova que Abraão conhecia muito bem os homens, pelo que era justíssimo (e ainda o é) temer-se dêles.

Chilon — Mas, amigo Árago, e a tão decantada fé que Abraão tinha pelo seu Deus, a que fica reduzida?

Árago — A fé se reforça e cresce com o tempo e com as provas, e tanto que Cristo disse assemelhar-se o reino dos céus a um grão de mostarda que germina, cresce e frondeja como pequeno arbusto. Ora, êste Abraão relativamente moço e forasteiro em terras estrangeiras, não é o mesmo, já mais velho, do tempo de Isaque, pois Sara, sua mulher, concebeu àquele com a idade de 90 anos. Como poderia ser Abraão um homem de fé robusta do porte daquela que demonstrou na hora de sacrificar seu filho, se ainda não tinha provas bastantes da parte de seu Deus? Onde faltou a fé, supriu-a a inteligência da vida, e Abraão se safou da morte certa. Acrescente-se a isto que cada fenômeno histórico tem de ser julgado em sua época e local, e não fora dêles. A moral é relativa, e não se pode saber, neste sentido, quais eram os pontos de referência de Abraão. Todo fato histórico-social tem de ser situado no seu tempo; depois é preciso reconstruir

o quadro histórico, o cenário, através dos fragmentos literários e arqueológicos contemporâneos de todos os outros lugares; só agora, então, é que vem o julgamento, e ainda, certamente, não feito por algum literatelo, mas por quem tenha linguagem pujante, correspondente ao mérito do assunto.

— A Bíblia, Chilon, é um documento arqueológico não incólume, porque aí andaram mãos de deturpadores intencionais ou não. Os exemplares que temos à mão são cópias de cópias. Não é livro que se possa estudar isolado de outros monumentos pré-históricos contemporâneos dêle. Sua interpretação, antes de ser feita por teólogos, como sempre foi, onde a fantasia supre a ciência, é trabalho de arqueologia, hermenêutica e morfologia histórica, ou seja, história comparada.

— Agora, ouça isto, como a coisa muito importante: os espíritos, em se reencarnando, pisam sôbre seus próprios rastros, para os continuar, para os fazer avançar mais; por isso, discutir a Bíblia é tarefa para gerações dentre as quais se encontrarão verdadeiros gênios. Um dêstes foi Sir Isaac Newton que, respeitoso, via na Bíblia um sonho, talvez lindo, talvez não, mas de cujas densas brumas surgiu Cristo. O ataque movido ao Velho Testamento, não para só nêle; atinge o Novo também, porque Cristo e seu Evangelho continuam o passado involuído.

— Queres, agora, que examine-mos esta mesma questão de um novo ponto de vista?

Chilon — Que dúvida? para isto estou aqui de onde não arredarei os pés, mesmo que passe tôda a noite.

Árago — No tempo destas ocorrências com Abraão e Sara, ambos estavam sós. Se o que fizeram fôsse coisa indigna, havia de ficar encoberta, pois todos nós costumamos silenciar sôbre tudo aquilo de que nos envergonhamos. Tu não procedes assim?

Chilon — Procedo.

Árago — E Lumbáio, como procede?

Chilon — Como eu, e assim todos.

Árago — Se fôsse coisa feia, teria ficado encoberta, e Moisés não teria tomado ciência disto, por tradição oral, para a escrever no Pentatêuco. Mas

Moisés tomou conhecimento; logo a coisa foi propalada entre os descendentes. E por que?

Chilon — Jamais o saberei, se mo não disserdes.

Arago — Foi para que Abraão constituisse o ponto de passagem entre a prostituição sagrada e a profana, que existia na sua pátria, país de Hur, que fica nas montanhas da Mesopotâmia. Este mesmo tipo de prostituição, considerada como rito religioso, grassava, não somente em toda a Caldéia, mas também na Fenícia, Chipre, Cartago, Armênia, Pérsia, Egito, Grécia, etc., como se pode ver pela «História da Prostituição», escrita por vários autores célebres, editada pela Livraria Antonio de Carvalho, em São Paulo.

— Este mesmo espírito de passagem entre a prostituição sagrada e a profana, está no relato do estupro de Diná por Siquem filho de Hemor heveu; ainda que Hemor, Siquem e todos os homens do reino se tivessem circuncidado, por exigência de Jacó, dois filhos deste, chefiando um bando de homens armados, passaram à espada todos os machos, a começar por Siquem e Hemor.

Chilon — Mas isso foi uma barbáridade sem nome, além de heresia, pois os homens de Hemor estavam seguros pelo rito sagrado da circuncisão!

Arago — Sim, sem dúvida que foi uma selvageria; mas serviu para reforçar o horror ao estupro e à prostituição. Contudo Jacó não aprovou o que os filhos fizeram.

Chilon — Mas Jeová não puniu os culpados, como era de se esperar.

Arago — Então, se ninguém viu a punição, é que ela não se deu, de fato, como pensam todos os salafrários, e é por isso que ainda agora os safardanas são os únicos que gozam neste mundo.

Chilon — É, mas a punição des-

tes tais se faz, aqui ou alhures, noutras existências...

Arago — Logo, os dois filhos de Jacó foram justicados depois, noutras vidas, e por isso promete Jeová, no Decálogo, punir as culpas dos pais nos filhos, não ATÉ a terceira e quarta geração, como está em todas as Bíblias, mas NA terceira e quarta geração, que é quando já se teve tempo de reencarnar, de novo, no tronco familiar. É assim que na Bíblia esperantista, traduzida diretamente dos originais hebraicos, pelo judeu eruditíssimo Dr. Zamenhof, ao invés de «*gis la tria kaj kvara generacioj*» está «*en la tria kaj kvara generacioj*». (Ex. 20, 4 a 6).

— Abraão, pagando tributo a Melquizedeque, rei de Salem, tornou-se nexo entre a Ordem de Deus Altíssimo, a que pertencia este rei, e sua posteridade. Igualmente o legendário sacrifício de Isaque teve a função conectiva e de passagem entre o sacrifício humano, sobretudo de crianças, praticado em quase todos os países antigos, e o sacrifício de animais.

— O povo ignaro, Chilon, vive de imitação, e por isso as melhores lições são as que se gravam em exemplos vividos, ou supostamente vividos; daí as parábolas de Cristo e as fábulas de Esopo. E Moisés não era nenhum lorpa para entender isto.

Chilon — Agora estou satisfeito, e vos peço entrarmos no estudo das dificuldades bíblicas. Lembrai-vos de que vos perguntei, de comêço, se a Bíblia é divinamente inspirada, como querem muitos, ou é apenas um livro humano, como pretende C. G. S. Shalders, em sua obra «Uma Análise Crítica da Bíblia».

Arago — Guarda, Chilon, tuas perguntas por ora; haveremos de chegar lá, querendo Deus; por hoje basta, que já é tarde.

Representante autorizado desta Revista na Capital

VICENTE S. NETTO

Livraria Espírita «EMMANUEL»

Rua Quintino Bocaiuva, 161 - 4.º andar - Sala 2 e 3 - Telefône :
36-3146 - Caixa Postal 4926 - SÃO PAULO - Das 8 ás 19,30 hs.

“Não Matarás” — Osvaldo Requião

«Não vim derrogar a Lei, *mas, sim, dar-lhe cumprimento*». — JESUS.

«O homem não tem o direito de ferir *senão para curar*». (Antigo aforismo talmúdico).

O julgamento de CARYL CHESMAN, cujo aspecto legal não nos propomos discutir aqui, solicitou, mais uma vez, a opinião pública mundial para a velha e sempre debatida questão da pena de morte.

Quem, neste momento, fala é não só membro do Ministério Público na Bahia, mas também cristão. Tal declaração objetiva justificar a mescla, aliás oportuna, conforme se verá, de elementos de ordem jurídica, por um lado, e de ordem teológica, por outro, com que pretendemos alicerçar nossa modesta posição na matéria ora equacionada.

Muitos, entre nós, ultimamente, se têm preocupado tão só em justificar a razoabilidade desse instituto legal através dos tempos. Mas não basta, ao nosso ver, justificá-lo apenas, senão algo fazer também em favor de sua total proscricção, por contraproducente e anticristão. Mister se torna rendermo-nos, cada vez mais, à conclusão de que o progresso espiritual e, conseqüentemente, jurídico a que a humanidade chegou já não comporta essa bárbara fórmula de sanção penal, tanto mais quanto evidenciado está não ter produzido, em qualquer época, os frutos e resultados que fôra lícito dela esperar. Ora, no mais rico e civilizado dos países do mundo, os Estados Unidos, a realidade é, ao contrário, estarrecente e contristadora. É o que apresenta o maior índice de criminalidade juvenil. De acôrdo com J. EDGARD HOOVER, chefe do F. B. I. («Federal Bureau of Investigation»), citado pelo escritor norte-americano WILLIAM HARD, «a partir de 1950, a percentagem de crimes aumentou quatro vezes mais do que a população do país», apesar de suas câmaras-de-gás e de suas cadeiras-elétricas.

A própria história do direito de punir — consideradas as conquistas do período mediante entre a cruel «lei de

talião» e a alvissareira «individuação da pena», florão de Becária — autoriza-nos a prognosticar que a pena de morte passará, que já está passando, como passaram, e louco seria quem pretendesse ressuscitá-las, penas quais as do sepultamento vivo, do esquatejamento, da roda, da mutilação de mãos, narizes, línguas e orelhas, do ferro candente, da fogueira, do regime das ordálias...

Por isso, repugna, principalmente à nossa formação cristã, que, em nossos dias, segundo está ocorrendo agora mesmo (Ver «Reformador», abril, pág. 87), um indivíduo que se diz «representante do Cristo», possa dedicar-se à ingloria e blásfema tarefa de percorrer o Brasil inteiro, advogando a *inclusão* (depois de 69 anos de proscricção da legislação pátria) da *pena de morte em nosso Código Penal*, propugnando por que se legalize, entre nós, o *direito de matar!*

Felizmente, tal apostolado, que serve aos interesses das trevas, e não da luz, ou a inconfessáveis imperativos em que nem queremos pensar, vem ensinando azo para mais uma veemente afirmação de nossa mentalidade e de nossos sentimentos, exatamente o contrário do que esperava seu árdego preconizador.

«Tôda árvore que o Pai não plantou será cortada e lançada fora» — sentenciou o Torturado do Getsêmani. Disse ainda o Divino Amigo não ter vindo para derrogar a Lei, e, *sim, para dar-lhe cumprimento*, isto é, fazê-la cumprir. Muitas das recomendações divinas eram letra morta, no mosaísmo decadente dos fariseus («Não vos deu Moisés a Lei? no entanto, nenhum de vós a cumpre»). Entre elas, o «*Não Matarás*».

Será que Deus plantou, alguma vez, a árvore do assassinio, mesmo justificado, mesmo legal? Não é crível. O mandamento dado a Moisés, no Sinai, foi simplesmente êste: «**NÃO MATARÁS**». Nada lhe foi acrescentado. A estupidez humana (quer se tenha disfarçado sob a máscara da vindita privada, da vindita familiar, da vindita tribal ou da vindita social) é que o interpretou a seu talan-

te, acomodando-o a seus interesses, nem sempre confessáveis.

Ao dá-lo à humanidade, Deus sabe que ela não está preparada para aca-tá-lo de chôfre, a um preceito de tal envergadura. O próprio Moisés—prova-do ter sido mero veículo ou medianeiro da vontade divina — êle mesmo, o maior dos hebreus, seu chefe supremo, mal se desincumbe do responsabilidoso ônus, renega e conspurca o insofismável aviso e, conforme vemos em *Exodo, XXXII : 25 a 29*, ordena e comanda, em seguida, a matança de cêrca de 3.000 de seus patrícios, além de prescrever mil outras sanções fatais, como, por exemplo, se colhe do citado livro, *XXI : 12 a 29...*

Afinal, para quem e para que foi ditado o «*Não Matarás*», se tantos se aforçuram em riscá-lo agora da Bíblia?!...

Compreende-se sem muito esforço, e a evolução da mentalidade humana, no particular, o atesta, que Deus não o ditou objetivando sua imediata e incondicional positivação entre os homens, ou com o intuito de vê-lo, num passe de mágica, seguido pela criatura — do mesmo modo que, quando ordenou que a terra produzisse ervas e árvores e frutos e sementes, peixes e répteis e aves e gados e bêtas-feras, abençoando-os e determinando-lhes crescessem e se multiplicassem (*Gênesis I : 11 a 22*), não teve em mente *uma criação instantânea* (tal asseveraram durante tantos séculos os escravos da letra), mas, ao revés, *progressiva*, como o afirma e demonstra, com o beneplácito da Fé, a Ciência. Deus não tem pressa, porque é eterno.

Etapas idênticas, no campo do esclarecimento humano, terá que vencer o «*Não Matarás*», até que se efetive. Deus sabia disso, ao dar-nos não só êsse, senão também os demais mandamentos. Jesus, seu máximo representante na terra, confirma-o, nêsse pontó, ao advertir: «Até que o céu e a terra passem, nem um jota, nem um til se omitirá da Lei, *sem que tudo seja cumprido*. Quem, pois, abolir algum dêsses mandamentos, por menor que seja, e ensinar assim a gente, passará por ínfimo no reino do céu. Se a vossa justiça não fôr maior que a dos escribas e fariseus, não entrareis no reino do céu». (*Mateus, V : 18 a 20*).

Tudo vem a seu tempo. Detentor do livre arbítrio relativo e, do mesmo passo, submetido a um determinismo também relativo, o homem, em sua cegueira, tende sempre a subverter o sentido da lei, para apropriá-la aos seus efêmeros apetites, mas a lei, que visa ao bem, há de, afinal, impôr-se, lenta, porém seguramente, à proporção que a animalidade ceda caminho à espiritualidade.

É o que estamos presenciando. O direito de punir evoluiu da lei do «ôlho por ôlho, dente por dente, sangue por sangue»—fase de absoluta vingança social—para a da «*individuação da pena*»; com o *livramento condicional* e o *indulto*, presentemente conquistados, franquaremos, dentro em pouco, a altruística etapa da «*indeterminação da pena*», para, enfim, superados todos êsses momentos, substituímos o DIREITO DE PUNIR pelo DEVER DE REABILITAR (Florian, Timme, Lugaro, Gall, Pietro Ubaldi).

Então, o «*Não Matarás*», ditado nos tempos da barbárie, encontrará clima propício ao seu perfeito e total cumprimento. Em vez de cárceres nauseabundos e degradantes depósitos de desajustados morais chamados penitenciárias, em vez de câmaras-de-gás, de cadeiras-elétricas para o homem que se tornou incompatível com a vida social—*escolas, reformatórios, hospitais, medicina preventiva do crime*—em favor da recuperação do nosso semelhante. Quem ousaria, em nossos dias, pedir a pena capital para um louco delinqüente?

Nessa quadra da história da humanidade, terá sentido esta predicação, ainda agora tida por absurda e utópica, de Jesus: «*Se alguém vos bater numa face, oferecei a outra; amai vossos inimigos*» (*Mateus, V : 39 a 44*).

Por mais que sofismem os partidários de outra «pedra angular», o «*NÃO MATARÁS*» continuará a ser o grito da advertência divina contra o sacrificio dos Chessman, as execuções cubanas, os expurgos russos, os massacres sul-africanos, as hecatombes à Hiroxima, os crimes do falso arianismo hitlerista, as fogueiras inquisitoriais, as fratricidas guerras mundiais...

Até que se cumpra!

Feira de Santana, Bahia, Julho de 1960

Relações da mediunidade com OS CASOS DE DOENÇA PSÍQUICA

Para Morselli e Richet, os médiuns eram criaturas normais — Expedientes usados contra a propagação do Espiritismo — Explicações de Kardec sôbre os casos de loucura

ALCUSAR os espíritas de loucos, apontar o Espiritismo como caminho para o hospício, e até mesmo apresentar o Espiritismo como forma de loucura, foram expedientes muito usados, e de grande efeito em nosso país, na luta contra a propagação da Doutrina. Nem mesmo os homens de ciência deixaram de usar êsse expediente, e ainda agora, em trabalhos recentes — um deles publicado em São Paulo, por lente universitária, e denunciado por Deolindo Amorim em magnífico artigo no jornal «Mundo Espírita» — aparecem tristes resquícios dessa atitude. Ficou célebre a tese do prof. Henrique Roxo, criticada por Leopoldo Machado, Carlos Imbassahy e outros, sôbre a estranha doença que se chamaria «delírio espírita-episódico», ou seja, a «doença» da vidência.

No exterior, entretanto, desde o princípio das pesquisas espíritas, os grandes mestres de psicologia e psiquiatria tomaram atitude bem diversa. Enrico Morselli, diretor do Hospital Psiquiátrico de Mecerata e professor de Psiquiatria e Neurologia na Universidade de Genova, autor de dois alentados volumes sôbre as relações do Espiritismo com a Psicologia — apesar de não ser espírita e de nem mesmo aceitar a «hipótese espírita» — não admitia que o Espiritismo fôsse causador de loucura. Pelo contrário, referindo-se às numerosas experiências que realizou com a médium Eusápia Paladino, acentuava o teor de equilíbrio, de sensatez, de serenidade, dos participantes dos trabalhos, e acrescentava que, em sua longa carreira de psiquiatria, haviam sido apenas quatro ou cinco os casos de alienados espíritas. Imagine-se a cifra correspondente a outras correntes.

Charles Richet, ao tratar das acusações de histeria e de loucura feitas aos médiuns, declara peremptoriamente no seu «Tratado de Metapsíquica»: «Recuso-me inteiramente a considerá-los como doentes». E logo mais adverte: «Certamente que êles sofrem alguma desagregação da consciência. Mas também os

artistas, os sábios, e mesmo os indivíduos comuns, não sofrem frequentemente de análogas desagregações da consciência, com automatismo parcial?» Referindo-se aos grandes médiuns então conhecidos, Richet acentua que nem a sra. Piper nem o rev. Stainton Moses, «possuíam qualquer característica fisiológica ou psicológica que os distinguisse», e terminava declarando: «êsses sensitivos são como todo o mundo». Uma observação curiosa de Richet, sobejamente constatada pelos investigadores espíritas, no mundo inteiro, é a da naturalidade e espontaneidade do desenvolvimento mediúnico, assim expressas pelo sábio: «Na maioria dos casos, foi por acaso que êles descobriram a sua sensibilidade. Não foi jamais por um ato deliberado da vontade que se tornaram médiuns. Seu poder desenvolveu-se espontaneamente». Da mesma maneira, a faculdade desaparece, quando menos se espera, e sem que o médium «possa retê-la», segundo as expressões de Richet.

Como se vê, há enorme distância entre a atitude de sábios como Morselli e Richet e a de alguns psiquiatras nacionais que se empenham em classificar os médiuns de anormais. A mediunidade, aliás, não é privilégio dos chamados médiuns. O Espiritismo demonstra que a mediunidade é uma faculdade humana generalizada. Tôdas as criaturas humanas são médiuns. O que existe é apenas uma variação de graus ou de potência, como se nota em tôdas as demais faculdades. O pitoresco «delírio espírita-episódico» pode, assim, ser considerado como uma espécie de surto gripal, ou de sarampo ou de varicela, que de vez em quando ataca os grupos humanos. Enquanto o prof. Henrique Roxo não descobrir uma vacina eficiente, estaremos todos sujeitos a êsse delírio.

Kardec, em «O Livro dos Espíritos», estuda o problema da loucura, em face das acusações feitas ao Espiritismo. E pergunta: «Conhece-se o número de lou-

cos e maníacos produzidos pelos estudos matemáticos, médicos, musicais, filosóficos e outros? E deve-se, por isso, banir tais estudos? O que provam êsses fatos? Nos trabalhos físicos, estropiam-se os braços e as pernas; nos trabalhos intelectuais, estropia-se o cérebro». A seguir, lembra Kardec que nenhuma ciência, nenhuma arte, nenhum ramo de ati-

vidades mentais é responsável pela loucura, que pode desenvolver-se em qualquer estudo, desde que o indivíduo tenha disposição para ela. E por fim esclarece que o Espiritismo «é um preservativo da loucura», porque oferece ao estudioso os elementos necessários à sua paz de espírito.

IRMÃO SAULO

‖ Do Testemunho ‖ v. lirenedo

A criatura humana, em sua existência neste mundo é missionária em função do progresso espiritual de si mesma. E função imediata é a de fazermos pela elevação espiritual dos outros. No benfazer desinteressado, no esforço, na dedicação, nos exemplos nós atuamos o nosso progredir e o dos outros.

Tôdas as nossas quedas no mal são desvios do missionarismo principal, do missionarismo benemerente precípua. Cada descair no erro é um interregno malbaratado, é uma seqüência perdida que cedo ou tarde infalivelmente havemos de recuperar.

A alma que tomba no mal, que nele se compraz, não veio à Terra em missão do mal, mas sempre e sempre do bem, da regeneração, do reequilíbrio, da redenção de si mesma. O estagiar no mal é o distorcer, o violentar e o renegar do missionarismo precípua de que é investida pelo Alto tôda criatura humana. Tal missionarismo nuclear se compõe de muitas facetas que chamamos responsabilidade, dever, obrigação. Facetas tôdas elas refletindo correção, abnegação, altruísmo, sentimento.

Dizer-se missão é dizer provação, é dizer testemunho. No transcurso de nossa missionária-existência terrena não há um sequer de nós que não foi ou não será convocado, neste setor ou naquele, de um modo simples ou difícil, suave ou árduo ao testemunho. Se vencer nos pequenos testemunhos é sempre desafogar o Espírito, vencer nos grandes será redentoriar a êsse Espírito imortal que busca o mais alto, que sabe haver de estar, no grande futuro, e por seu justo mérito, em esferas mais elevadas...

Na história da humanidade esponsam, graças a Deus, episódios sublimes de testemunhos maciços. O nosso 13 de maio é um exemplo magnífico do sentimento e desprendimento humano, pois a inteligente Princesa Isabel sabia muito bem que o abolir da escravatura no Brasil era minar diretamente o próprio trôno. Mas não recuou.

A prova reforçada da luminosidade de sua alma, Isabel a dá pouco depois da implantação da República. A dócil criatura, já no dia seguinte ao da proclamação tem ciência de que os novos dirigentes da nação querem o exílio dentro de vinte e quatro horas da Família imperial. O choque emotivo, sentimental da Princesa é tremendo, pois tal ordem significa a expulsão crua do país a que ela e tôda a sua Família amam, sendo o cúmulo da ingratidão para com aquela gente pacífica, boa e patriota. O coração sensível de Isabel está esmagado e seus olhos choram lágrimas queimantes diante do ultimato de banimento, mas a sua consciência em amoldamento evangélico está em luz. Entre os móveis deslocados para a mudança ao navio, olhando a mesa de Sevres em que assinou a abolição dos escravos, a Princesa Redentora exclama veemente: — «SE TUDO QUANTO ACONTECE PROVÉM DO DECRETO QUE ASSINEI, NÃO ME ARREPENDO UM SÓ MOMENTO. AINDA HOJE O ASSINARIA!» (*)

Irmãos, tôda criatura humana é, do berço ao túmulo missionária auto-

(*) A afirmativa de Isabel acha-se em *A PRINCESA ISABEL — A REDENTORA* — Pedro Calmon, Ed. Comp. Edit. Nacional — 1941 — Página n. 261.

mática no Bem. O bem é a alavanca do progresso espiritual. As provações, os testemunhos são capítulos dêsse missionarismo-pró-evolução. Testemunhos houve na Terra a desprezarem todo o poder e esplendor e riqueza da Terra. São lances de almas nas quais viceja a fé num poder mais alto, numa razão mais alta, numa destinação mais alta espe-

rando a criatura, e tudo por vontade perene do Criador. Essas são almas a não destoarem do Evangelho trazido à Terra pelo Cristo de Deus. Tais almas aclaradas não se prendem ao chão, mesmo ao chão mais vistoso e rico e rendoso; elas abraçam o testemunho e se elevam na aspiração pura de aperfeiçoamento transcendente.

A Bíblia Sagrada (Anotações à margem das Santas Escrituras)

I

A todos os cristãos que procuram a verdade, isentos de preconceitos e de liames sectaristas, sejam católicos ou protestantes, espíritas ou simplesmente espiritualistas, e até mesmo aos agnósticos, desiludidos da Religião por causa das prevaricações que os homens engendram, paz e concórdia — para que haja possibilidade, nos espíritos, de assimilação dos santos ensinamentos do EVANGELHO!

Estão em jôgo os destinos da Humanidade, na atual conjuntura internacional, ainda, infelizmente, alimentada pelo anti-fraterno princípio sob cujo influxo tem-se desenvolvido a civilização, em nosso planêta, princípio determinante de tôdas as calamidades sociais e de tôdas as guerras: «*Si vis pacem, para bellum*» ou, traduzido em vernáculo: «Se queres a paz, prepara a guerra».

Sentem-se todos os corações invadidos de temor e de intranqüilidade; uma angústia mortal comprime-os. A ingênua bemaventurança, manifestada até bem pouco tempo, graças à boa fé que ainda lhes ia nas almas, por algumas criaturas destituídas de ambições e de espírito de competição que esteriliza os campos da amizade, se ainda de todo não desapareceu da face da terra, está, contudo, restrita a um número tão insignificante de pessoas incultas, que em coisa alguma pode influir para amenizar a irrefreável tensão de desconfiança, de que todos participam e de que muito poucos procuram libertar-se, pela prece, movidos por um sentimento de amor.

O próprio Criador, se invocado nas

preces dos homens, é para atender a solicitações personalíssimas, cada qual procurando fôrças particulares para alcançar os bens da terra e até os de um cerebrino Reino dos Céus, que procuram conquistar sòsinhos, destituídos que foram do vero espírito de solidariedade cristã...

Para cúmulo de confusão e de desregramento mental, apresentam-se alguns profitentes das mais elevadas Doutrinas Espiritualistas, cujos elementos culturais preferiram, pelas suas tendências intelectualistas, aos bons princípios morais que elas objetivam, alicerçados na Caridade, como demolidores racionalistas das Santas Escrituras, dominados por um *cientificismo* absorvente, de fundo materialista, que os não deixa perceber a exiguidade mental a que se acha ainda adstrito o homem terreno, com relação aos fatos, aos problemas, aos fenômenos de natureza espiritual.

Entraram, então, a conspurcar todos os bons elementos da Exegética, segundo a qual muito podem conseguir, mesmo culturas medianas, a respeito de interpretação das Santas Escrituras, pretendendo, com isso, prestar um bom serviço à civilização do terceiro milênio, que desejam escoimada de superstições e pieguismos, entendendo como tais quaisquer idéias e quaisquer conclusões que não tenham assento na rocha inamovível dos fatos «cientificamente» comprovados e materialmente ao alcance da inteligência... com o que fazem de Deus um alucinante conceito, supondo-se investidos de todos os atributos da

Divindade, a respeito de cujas obras sentem-se com inteira capacidade de conhecimento, já se pensando, mesmo, em executá-las independentemente de qualquer intromissão da Onipotente Vontade, pois que tudo quanto existe deve caber na possibilidade do HOMO SAPIENS, suprema e final manifestação das forças vivas e criadoras da natureza, na ascendente progressão das espécies... como supõem!

É, realmente, avassaladora essa tendência do espírito humano, hodiernamente, para preconceituar-se como capacitado a resolver todos os enigmas do Universo!

Que a ela se entreguem os sábios da escola materialista, ofuscados pela desmesurada luz que se desprende das mais recentes invenções e descobertas, entende-se, pois que tais manifestações da matéria são as únicas que lhes afetam os sentidos, uma vez tendo chegado êles, voluntariamente, à esterilização dos demais atributos com que a Divindade dotou os seus filhos e que se não limitam àqueles, por mais superaguçados que sejam em alguns tipos da espécie, desproporcionalmente intelectualizados. O que não se compreende é que adeptos esclarecidos da Doutrina Espiritualista queiram navegar nas mesmas águas que os podem levar novamente à descoberta da América, de lá transportando-os mesmo à Lua apenas, por estarem Marte e Vênus ainda um pouco distanciados dos velozes aviões a jacto!!

Isso não se compreende, conquan-

to se reconheça a realidade do fato mais contraditório de quantos nos é dado observar nestes tempos de crise da humildade, crise da generosidade, crise da solidariedade, em que o Amor se desfigura andando de braços dados com o aviltamento do caráter, em que a beleza é substituída pela deformação, em que o espírito de competição já se não contenta em atizar os ânimos nos campos de esporte, mas alimenta a pretensão de fazer-se valer na conquista das taças com que os crentes esperam embriagar-se bebendo o falerno da felicidade nos alcandorados «estádios» que ficam muito além das nuvens, no reino dos céus...

Oh! incapacidade inaudita dos homens para viver como Espíritos!

Saúdo-vos, irmãos, relegados como nos achamos, todos, aos ínfimos limites da nossa terrícola carnalidade! Saúdo-vos em nome dos humildes exegetas do Evangelho, aos quais nos aliamos, cuidando em lhes receber alguma inspiração, para dizer-vos, o quanto pudermos em linguagem humana e na mediocridade dos nossos conhecimentos literários, das coisas grandiosas e belas que se desprendem dêsse vaso sagrado, dessa inconfundível caçoila onde se queimam há tantos séculos as divinas essências para perfumar neste mundo de tão grosseiras emanações, as almas que ainda podem ser sensíveis ao suave influxo da Esperança, do Amor e da Sublime Verdade!

Philemon

Que pena, Senhor !...

Em Setembro de 1945 realizou-se a primeira Semana Espírita de Juiz de Fora, M. G., de 2 a 9 dos dias iniciais do mês. De um domingo a outro. Uma semana de oito dias... Cada um dia mais cheio de fraternidade exemplificada.

Nunca se tinha visto movimento espírita tão envolvente, expansivo e vivaz. As reuniões realizavam-se em amplos salões dos maiores Centros locais, com grande entusiasmo e máxima vibração cristã de todos que participaram delas.

O número de espíritas que superlotaram todos os salões em que se efetuaram as respectivas reuniões, a qualidade e a quantidade das delegações, os assuntos cuidados em cada uma de suas memoráveis sessões, o espírito de confraternização, de harmonia, de camaradagem e de alegria evangélica que predominou sempre entre todos, fizeram da 1.^a Semana Espírita de Juiz de Fora, um grande acontecimento do Espiritismo.

Doze cidades estiveram reunidas

em nome de Jesus, para pregar e exemplificar o seu Evangelho, em espírito e verdade.

Foi singular e animador êsse número, o número dos apóstolos de Cristo. Assim como o Cristianismo, iniciado com doze obreiros, dominou a Terra, o movimento das Semanas Espíritas contagiou Minas Gerais, tendo como ponto de partida Juiz de Fora.

Pena é que não foram publicados os anais da 1.^a Semana Espírita de Juiz de Fora.

Tão edificantes, quão proveitosos, não seriam êles!...

Resta-nos o consôlo de que tudo quanto nela se procedeu ficou eternamente gravado nos nossos corações e inscrito indelêvelmente no éter do Espaço infinito, para ser levado em conta dos pecadores seus participantes, por graça de Deus.

Para dar uma pálida idéia do que foi ela, basta rememorar o 1.^o dia dê-se certame. Os outros dias decorreram no mesmo diapasão dêste.

DIA 2

Às 10,30 horas, na Fundação João de Freitas, salão repleto, apesar do mau tempo, foi aberta a Semana.

A mesa que presidiu a sessão de abertura, ficou assim constituída: professor Leopoldo Machado, presidindo; Orwile Derby Dutra, presidente; prof. José Jorge, de Nova Iguassú, orador; d. Calíope Braga de Miranda (d. Zuzú), presidente da Casa Espírita, encarregada da prece; Alí Halfeld, presidente da Fundação, e José Alves de Oliveira, representante da revista espírita «A Centelha», do jornal espírita «O Lar» e da Faculdade de Estudos Psíquicos do Rio de Janeiro.

Prece de abertura feita, ouviu-se o hino da Fundação João de Freitas, cantado pelas crianças, filhas das viúvas ali abrigadas. José Jorge, representante da Confraternização Espírita Lar de Jesus, de Nova Iguassú, formada por doze Centros circunvisinhos, proferiu, então, uma substanciosa conferência. Falou no trabalho das famílias espíritas coletivas disseminadas pelo Brasil, um Abrigo de Jesus, em Belo Horizonte, uma Fundação Espírita Abel Gomes, em Astolfo Dutra, uma Fundação João de

Freitas, em Juiz de Fora, uma Escola Jesus Cristo, em Campos, um Lar de Jesus, em Nova Igussú, e tantas outras por aí além.

Citou e comentou Mat., cap. XX, recordando-se de ter tomado o bonde S. Mateus n.^o 20, para conduzir-se até à Fundação... Uma cintilante oração, cheia de arroubos e de vibrações emocionais, que a todos suspendeu em êxtase profundo.

José Alves de Oliveira, com a palavra viva, saudou os espíritas locais em seu nome e no dos seus representados, já citados, e do Orfanato Tereza Cristina e Grupo Espírita Preto a Jesus. Pondo em destaque o papel da imprensa na difusão da Doutrina e significação das obras de assistência social na exemplificação do Evangelho, lançou um veemente apêlo a seus irmãos para ampararem cada dia melhor essas duas alavancas do Espiritismo — difusão e exemplo.

A prece final foi dita pelo confrade Alí Halfeld.

Às 20 horas, no C. E. União, Humildade e Caridade, sob a presidência do seu presidente, dr. Armínio Rêgo de Carvalho, ladeado pelos confrades José Jorge, Antenor de Souza, de Cruzeiro, José da Silva Oliveira e O. Pacheco, reiniciaram-se os trabalhos do primeiro dia da Semana. O dr. Armínio fez a prece da abertura e apresentou as boas vindas aos visitantes, concedendo a palavra ao orador da noite, professor José Jorge. Êste proferiu mais uma luminosa palestra, rememorando as Semanas Espíritas realizadas em Macaé e Nova Iguassú e realçando as fontes renovadoras da fé que resultam de movimentos como êsses. Augurou que a 2.^a Semana Espírita de Juiz de Fora pudesse coincidir com o lançamento da pedra fundamental do Instituto Maria. (Isso aconteceu.) Falou do dever que nos cabe de propagar a Doutrina, da dor e da resignação, das provas e expiações, da justiça, da misericórdia e da tolerância divinas para conosco, do resgate de nossas faltas, da situação privilegiada dos espíritas, conhecedores que são de tudo isso. Evocou Êfebo e Job. Citou Paulo, que disse que «as coisas invisíveis têm os seus relativos no mundo visível», para confirmar que a força do pensamento para o bem e para

o mal age em ricochete sobre os seus autores. Discorreu sobre a legenda — Fôra da Caridade não há salvação, lêma do verdadeiro cristianismo. E estudou outra legenda — Trabalho, solidariedade e tolerância, de Kardec, para terminar conclamando a nossa atenção para a tremenda responsabilidade do Espiritismo na renascença espiritual e moral da humanidade no após guerra, cuja aurora vinha surgindo.

O dr. Armínio comentou elogiosamente a palestra do nosso ilustre confrade e formulou a prece de encerramento às 21 horas.

* * *

As águas rolaram; quinze anos fugiram...

Depois de ter sido a pioneira das Semanas Espíritas em Minas Gerais, e uma das suas melhores praticantes, mais de 10 anos seguidos, lideiada nesse movimento pelo seu maior animador, cuja presença indefectível tornara-se tradicional, o lendário Leopoldo Machado com a sua Caravana da Alegria Cristã, eis que Juiz de Fora eximiu-se das Semanas Espíritas, abrindo um vácuo evidente.

Que pena, Senhor Deus!...

Aleixo Victor Magaldi

Volta Redonda, Agosto de 1960

TERÃO ALMA OS ANIMAIS?

 General Levino Cornélio Wischral 

Com satisfação lemos no «Diário do Congresso Nacional», à página 8.184, um bem fundamentado discurso pronunciado na Câmara Federal pelo nobre confrade deputado Campos Vergal.

O discurso, mais tarde transformado em debate, examinava a introdução de uma cadeira de Psicologia nas escolas superiores do país. Sobre o assunto em pauta nada podemos acrescentar, visto haver sido focalizado pelo setor científico, apoiado nos mais modernos tratados de psiquiatria. Vamos, todavia, deter-nos um pouco em torno de uma interessante pergunta formulada em plena assembléia reunida na Câmara dos Deputados e registrada à página mencionada daquele Diário Oficial.

Lá pelas tantas, impulsionado pelo calor do entusiasmo, o deputado Clidenor Freitas, de cérebro arejado, culto e bem inspirado, pergunta com destemor: «Os animais também têm alma?» pergunta essa que causou geral expectativa entre seus pares.

Nós, de imediato, responderíamos, como aliás foi dito em público, que, não somente os animais têm alma, mas igualmente a têm os componentes do reino vegetal e, até mesmo — não o estranhem — os do reino mineral, providos que são de rudimentar faculdade de senso que chamaríamos de «inteligência incipiente».

Como esta mesma pergunta já houvesse sido formulada por outras pessoas, verbalmente e através de cartas a nós dirigidas, procuraremos fazer aqui uma síntese das sínteses, para se ter uma ligeira idéia da complexidade da resposta. Em algumas laudas faremos o que só se poderia fazer em maçudos volumes.

Cada um de nós, criado por Deus, já foi apenas um singelo elétron, um átomo, uma mônade, uma molécula, e agora somos todos um harmonioso conjunto, consciente e ativo, de células obedecendo a um govêrno central, que é a Centelha Divina, partícula do próprio Deus, centelha essa que nós agasalhamos em nosso íntimo, confirmando a evangélica afirmativa de Jesus: «Sois deuses!»

A evolução é contínua e eterna, indo do simples ao complexo e dêste ao sublimado. Pessoalmente somos de opinião que cada átomo isolado terá que, no decurso da Eternidade, transformar-se e engrandecer-se até atingir a magnificência de uma Galáxia ou de uma Via Láctea.

Se pudéssemos enxergar através dos olhos do Supremo Criador dos Mundos, ou seja Deus, veríamos a vastidão dêste nosso imenso sistema solar como se fôsse um minúsculo e insignificante átomo, êste mesmo átomo que os cien-

tistas apenas pressentem e que nem os mais potentes e delicados olhos dos microscópios eletrônicos puderam avistar até hoje.

Para atingirmos a configuração do homem atual, tivemos necessidade de percorrer, em lentíssimos e demorados ciclos de aperfeiçoamento, durante bilhões e bilhões de séculos, tôdas as formas, estruturas e organizações pertencentes aos reinos mineral, vegetal e animal. Mais tarde, sem dúvida, cada um de nós terá que ser categorizado como anjo e arcanjo e, mais além ainda, cada um terá que ser um Cristo Planetário, como Jesus, o governador do nosso planêta Terra, o é agora; aliás, quer queiramos quer não, cada criatura é um Cristo em fazimento.

Considerando mais objetivamente nossa origem, podemos dizer que já animamos um seixo, um bloco de carvão, uma rocha, uma pedra preciosa como a turmalina ou o diamante. Sim; já íamos esquecendo de dizer que também já demos vida àquela majestosa coluna multicolor e brilhante de quartzo ou cristal que aparece aos nossos olhos ricamente ornamentada de arestas, facetas e planos geométricamente exatos, graciosos e atraentês. Dêsse cristal, existe certa espécie trazendo incrustadas pequeninas e delicadas pepitas de ouro luzidío, dando-nos a aparência de uma soberba e orgulhosa dama aristocrata a exhibir refulgente «toilette» de gala, em noite festiva, na intimidade de encantado palácio medieval.

Pois êsse mesmo cristal, ao ser despedaçado pelos golpes violentos dos martelos dos homens que o vão explorar industrialmente, só falta chorar! A mutilação é dolorosa; contudo, por abrigar também em seu âmago a Centelha Divina, o cristal é tocado por uma estranha inteligência e assim reage, luta e, lentamente, cresce, recompleta-se e, finalmente, fica restaurado. O ex-aleijão mutilado, agora restabelecido e sem mácula, resplandece mais belo que nunca; está refeito, sem cicatrizes!

A esta altura dizemos e perguntamos: — Restaura-se o cristal partido; renasce o galho decepado da árvore, e novas pernas crescem no lugar das arrancadas a certos crustáceos. Por que com o homem não ocorre o mes-

mo ao perder êle um membro qualquer?

Prossigamos depois dêste pequenino parêntese:

Incontável tempo preparou-nos o ingresso no reino vegetal, onde começamos por dar vida às células nervosas dos delicados musgos, da melindrosa sensitiva, da causticante urtiga de mau humor e também da plantinha chamada pelos botânicos de drósera, que se alimenta com o sangue dos insetos que ardilosamente fisga e enlaça em sua corola. Já fomos também uma roseira, com belas e perfumadas rosas da espécie «príncipe negro» ou então um triste e raquítico coqueiro da praia cearense ou ainda uma frondosa mangueira carregadinha de frutos suculentos ou — quem sabe? — um soberbo e secular pinheiro com aparência de um gigantesco cogumelo ou guarda-chuva a enfeitar as belas campinas do Sul!

Após havermos perpassado por todos os ciclos do reino vegetal, fomos impulsionados pelas mãos dadivosas do Criador para iniciarmos outra escalada mais — a do reino animal.

Em outros bilhões de séculos tecemos pacientemente o elo vegetal-animal, despertando e exercitando novas faculdades até então embrionárias. Imóveis, inativos e amarrados ao solo, bafejou-nos, enfim, a divina graça do movimento, dádiva dos Céus para uma vida de maior liberdade.

Paulatinamente transitamos por todos os ciclos animais, movimentando e animando os corpos mais horrendos e esquisitos de nossos irmãos—os vermes, molúsculos, répteis, mamíferos e outras bicharadas mais. Não fiquemos ofendidos ou enojados ao lembrarmos de já haver agitado o corpo esguio da traçoieira serpente; do viscoso caracol de corpo carnal intimamente ligado à concha de carbonato de cal, comprovando sua origem mineral e demonstrando que é até perfeitamente possível a harmoniosa simbiose minério-animal. Quem sabe se não agitamos também, em graciosos zigue-zagues, o corpinho tipo «galhinho sêco» do louva-deus reverente e religioso; o do morcego amante das trevas, o da inocente pombinha da paz, o do cão fiel, o do cavalo de porte cavalleiresco ou o do enorme elefante, de olhinhos dóceis e meigos ao saborear

sua ração de açúcar, ou então o dos antecessores do popular «Cacareco» do nosso Jardim Zoológico!... Dessa maneira aproximamo-nos do irrequieto e sensual macaco, parente mais do que próximo do «homo sapiens» de que trata a genética do grande e inspirado Darwin.

Outro convite mais nos vem dos Céus. Desta vez entregamo-nos a dilatados estágios no mundo espiritual. E' no «Astral», como espíritos imperfeitos, ignorantes e cheios de complexos animais, que vamos elaborar um apenas esboço do futuro bípede peludo, horrendo, acanhado e espantadiço. Eis então o bisonho «candidato a gente» transpondo o pórtico da civilização, rumo ao tão ansiado reino hominal.

Preparados para um aprendizado mais árduo, começamos renascendo algumas vezes como ferozes antropófagos e selvagens na densa mata virgem. Ainda somos animais com acentuada fisionomia de futuros homens... Tímidos, apresentamo-nos em novos renascimentos, nas orlas das imensas florestas, na pessoa do índio desconfiado a imitar o seu super modelo — o civilizado. Como seria de esperar, vamos surgir, desta feita, entre o ingênuo e bom caipira, e, daí para o colono ou cidadão é coisa de um só passo. Agora, sim! Renascemos povoando países e cidades. Cruzamos continentes, oceanos e céus, lotando modernos e super confortáveis cadilacs, gigantescos transatlânticos e submarinos atômicos. Velocidade e mais velocidade é a ânsia desesperada da época; todos correm em louca disparada sem saber atrás de que, e a ciência humana, contaminada pelo complexo da pressa ainda maior, transporta as criaturas em super-luxuosos pássaros a ja-

to, diàriamente superando seus próprios recordes dos super-sônicos viajores celestes. Sem tardança, cada um terá o seu individual disco voador, ricamente decorado para, em questão de poucas horas, visitar, num domingo à tarde, qualquer parte do Planeta, volitando alegre e seguro pelo espaço afóra, qual andorinha feliz e despreocupada.

Por esta altura, porém, já deixamos muito atrás de nós vastos oceanos de lágrimas, dores e amarguras; assistimos a última guerra atômica que estorricou três quartas partes do planeta, aumentando ainda mais as pestes, fomes e ranger de dentes! Tudo porém passou, e a aurora da verdadeira paz diz-nos que estamos às portas de nosso tão desejado paraíso terrestre. O calendário aponta-nos o ano dois mil quatrocentos e pouco. Aqui não mais se observa o confuso e louco formigueiro humano, pois os perversos, rebeldes e teimosos, ou sejam os três quartos da humanidade, foram há tempos desterrados em tétricas e macabras romarias para os abismos trevosos de outros planetas em formação — lá onde agora se vive a nossa remota idade da pedra lascada, a idade paleolítica. Eis a nova pátria das ásperas e dolorosas reencarnações a que serão submetidos os corruptos, maus, indiferentes e recalcitrantes que não quiseram ouvir o Evangelho do nosso amado Mestre Jesus.

E assim, com pequeninas incursões laterais, chegamos ao final de nosso tema. Estejamos convictos de que, onde existe algo parecido com o átomo ou partícula ainda menor, aí também existe um partícula alma, do próprio Deus que tudo enlaça e vivifica com Seu Amor.

SALDANHA MARINHO Mac Maynard

Há figuras exponenciais da cultura humana que não são, muitas vezes, lembradas com mais freqüência; figuras, infelizmente, desconhecidas do povo, mas que delas usufrue os frutos sazonados de seu trabalho profícuo.

Entre nós o vulto de JOAQUIM SALDANHA MARINHO não é tão conhecido como deveria sê-lo, no entanto, usufruimos os frutos de seu labor, de

seu invulgar talento posto a serviço da Pátria e da Humanidade. Quando muito, (e não é pouco), evidentemente, damos o seu nome a uma rua ou praça, seu busto é raramente visto, contudo é uma figura de verdadeiro destaque na cultura pátria, um brasileiro que enche de orgulho uma nação.

A Loja Maçônica Caridade III de Tatuí para comemorar seu 130.º anivers-

sário de fundação presta uma homenagem ao Grande Ganganelli (pseudônimo de Joaquim Saldanha Marinho) reeditando sua obra «A IGREJA E O ESTADO», e, que melhor homenagem poderia ser prestada a êsse inclito brasileiro? Vamos ter Saldanha Marinho falando conosco através de sua obra histórica.

O momento é de apreensão, mórmente quando se discute o projeto de Diretrizes e Bases da Educação, nada mais oportuno do que lermos a obra de Saldanha Marinho para melhor situar o problema educacional no Brasil.

A evolução política do Brasil não começou ontem, o lastro de cultura precisa ser rastreado no passado onde vamos, então, ler os artigos de Ganganelli, por exemplo, como doutrinador das massas. Êsses artigos de jornal que, enfeixados posteriormente, deram os quatro volumes de «A IGREJA E O ESTADO», livro imprescindível aos estudiosos da história brasileira.

O espírita não pode deixar de ler êsse livro, o espírita é libertário e vai encontrar ali um libertário estupendo que pôs a sua cultura, a sua coragem a serviço da defesa da liberdade individual e nacional.

Quando periclitava a laicidade do Estado, o apóstolo de Matão, o inolvidável CAIRBAR não ficou de braços cruzados, como espírita, (digamos de passagem:—paradigma), como professo da Religião da Liberdade de Consciência, saiu a campo para a luta, nada temia, nada o amedrontava, o fogo interior o impulsionava para as grandes causas em pról da Liberdade; Cairbar deu o exemplo aos espíritas, e, como diria hoje:— «Meus irmãos, a Liberdade de Consciência está em eminência de ser atingida... o que ensina a nossa Doutrina? Mãos à obra, derrubemos as bastilhas do obscurantismo»; os «medievais» querem levantar muralha para aprisionar o sistema educacional brasileiro, querem «educar» os nossos filhos segundo a cartilha ultramontana, deformando-os mental, espiritual e fisicamente.

O Espiritismo é ciência, é filosofia, e como pode o espírita desempenhar seu papel na sociedade desconhecendo a vida e a obra de um Cairbar, de um Saldanha Marinho? São personalidades de exemplo vivo, são homens que tudo afrontaram para defender a Liberdade de Consciência.

Quando o espírito é bem formado, não importa a religião que professa. Saldanha Marinho era católico, mas acima dos dogmas mentecidas da sua religião estavam os sagrados princípios da Liberdade; e quando um ideal é assim alimentado, não teme represálias, vem a público defender o seu ideal.

Melhor podemos aquilatar da coragem de Saldanha Marinho é quando analisamos o homem no momento histórico: a igreja ligada ao estado, religião oficial, o clero mandava e desmandava e esse Libertário pelo jornal diário escarpelando a atitude da Igreja não só no Brasil como no mundo, é preciso muita coragem!

O perigo não passou, temos exemplos de outros países onde o clero dominou os governos e que hoje impinge uma «educação» rebarbativa, criando marionetes.

Parabens Loja Maçônica Caridade III de Tatuí, não basta apenas citar Saldanha Marinho em «programas da saudade» como grande maçom, não basta citação em «festas», não basta colocar seu nome em ruas e praças, é preciso que o Grande Ganganelli continue a sua doutrinação, já que seus continuadores desertaram da luta. É necessário além de mostrar para o neófito a figura ímpar de Saldanha Marinho dar-lhe a obra monumental para ser lida, assimilada e... posta em prática!

Parabens espíritas brasileiros, discípulos do CRISTO LIBERTÁRIO, logo teremos Saldanha Marinho reeditado...

A bibliotéca dos homens livres vai realmente aumentar; há mais de setenta anos que só se ouvia falar de Saldanha Marinho.

Em hora alguma proclame seus méritos individuais, porque qualquer qualidade excelente é muito problemática no quadro de nossas aquisições. Lembre-se de que a virtude não é uma voz que fala e, sim, um poder que irradia.—André Luiz.

Crônica Estrangeira

O SONHO QUE ACUSA

«O SONHO QUE ACUSA» é o título de uma curta metragem referente á Scotland Yard, chefatura da Polícia Inglesa, projetada sobre a tela da Televisão Belga, que trata de um caso de homicídio autêntico ocorrido em 1938.

Um velho pastor e sua mulher chegaram a Londres, onde morava seu filho Gerald Neil, homem de negócios que para assômbro dos pais não foi encontrado em sua casa, e mais ainda, quando são informados, pelo gerente, que Gerald Neil partira para Paris com um amigo que, fisicamente, era extremamente parecido com êle, e que êste transferira todos os seus haveres provenientes de uma recente herança para um Banco Francês.

Scotland Yard, alertada, recusa-se a tratar do assunto, pois a coisa se assemelhava a uma fuga...

Mas a angústia dos pais vai aumentando á medida que o tempo passa. Uma noite a velha mãe teve um pavoroso sonho, que ela imediatamente revelou ao marido.

A principio, ela viu um tronco de árvore calcinada, de uma forma característica; e visão de uma propriedade completamente incendiada lhe apareceu em seguida. Depois tornou a ver a mesma propriedade, — em aparência uma fazenda — mas dessa vez, intacta, onde seu filho entrou sózinho, dela saindo inanimado, e seu corpo é atirado por um indivíduo, num poço abandonado.

Pela manhã o velho pastor parte rumo a Paris, onde êle perde todo vestígio de seu filho. Durante três semanas êle remexe céu e terra, mas seus esforços são inúteis. Certa tarde quando resolve voltar a Londres, um amigo de seu filho o vê no terraço de um café, e o informa que Gerald com quem combinara vir a Paris, não aparecera.

De volta a Londres, o Sr. Neil soube que seu filho regularmente se encontrava com um certo James Wilson, que lhe era extremamente parecido, exercendo a profissão de ascensorista, que era seu devedor. Imediatamente o pastor

se dirigè ao endereço que encontra no indicador telefônico.

Chegando ao seu destino, êle imediatamente teve a impressão de conhecer êsse lugar: era uma fazenda incendiada e abandonada. De súbito se lembra do sonho de sua mulher... Intrigado, êle descobre o tronco da árvore carbonizada, de forma tão característica, e continuando sua investigação descobre por trás da habitação o poço no qual a mulher, em sonho, viu ser atirado o corpo de seu filho.

Imediatamente, êle revela á Scotland Yard, a semelhança chocante entre os resultados de suas investigações e o sonho de sua mulher... Os policiais ingleses tiraram do poço profundo o cadáver de Gerald Neil!

Esta longa narrativa era necessária para bem mostrar que sem os detalhes reveladores do sonho, não seria possível descobrir o corpo do desaparecido. É esta a constatação unânime dos inspetores da Scotland Yard e não olvidemos quão providencial foi o encontro nêsse formigueiro humano que é Paris, da única pessoa que com certeza sabia que Gerald Neil não tomara o avião na data indicada.

Como então explicar êsse sonho extraordinariamente preciso? O comentador da fita, romancista inglês e reputado perito em criminologia, lança corretamente a pergunta nêstes termos: Espiritismo ou Ciências Psíquicas?

Nós vamos—porque é êste evidentemente o objetivo dêste artigo—analisar o caso em aprêço.

Impõe-se uma primeira constatação: o fim do sonho pode bem ser explicado pelo fenômeno da «telepatia retardada». No momento de sua queda no poço, Gerald Neil tendo talvez voltado à consciência, pode ter um supremo pensamento à sua mãe; o subconsciente desta o teria registrado para depois o transmitir à memória consciente. Mas aí provávelmente termina a explicação metapsíquica do sonho da mamãe. Com efeito, é preciso saber—pois isto é extremamente importante—que o incêndio é bem posterior ao crime. James Wilson voluntariamente incendiou a sua

propriedade, não só quis aproveitar um contrato de seguro assinado pouco tempo antes, mas provavelmente também tentou desviar dêsses lugares todos os olhares indiscretos.

Porque, então, não atribuir os detalhes reveladores do sonho ao espírito do defunto? Com efeito, parece que só a sobrevivência individual e consciente daquêle que foi Gerald Neil, pode explicar o perturbante sonho da mãe.

Certamente, todos os detalhes do sonho eram conhecidos por um ser vivo—nêste caso o assassino—por consequência, permitido é pretender que a clarividência favorecida pela tensão de espírito da mãe, explique a inteireza do sonho. Essa explicação sôbre o plano estritamente científico, é perfeitamente válido, porém um argumento psicológico vem sèriamente reforçar a hipótese da origem espiritual do sonho: com efeito, nêsse momento nada autorizava os velhos pais supor que seu filho não mais era dêste mundo, e isso mostra, ao nosso humilde parecer, o caráter intencional do fenômeno.

Tudo podia ter-se passado como se o espírito de Gerald Neil tivesse querido informar seus pais das circunstâncias da sua morte e do lugar onde estava o seu corpo.

Como quer que seja, êsse fato —espírita ou não— é excessivamente interessante para ser retido e sua narração terá feito refletir muitos telespectadores.

De «*Spiritualisme Moderne*»

UMA PREDIÇÃO REALIZADA

De «*La Revue Spirite*»

O Dr. Bedri Rushelman, Presidente Fundador da Sociedade Turca de Metapsíquica, residente em Istambul, comunicou a «*La Revue Spirite*» os seguintes fatos:

No decurso duma sessão realizada a 9 de dezembro de 1958, em presença

de um médium de valor, uma entidade desconhecida anunciou que uma inundação desastrosa devastaria a Turquia, nas imediações da cidade de Kannya. Uma floresta inteira seria aniquilada. Uma semana depois, a 16 de dezembro de 1958, a mesma entidade (espírito), com o mesmo médium, confirma a predição. Foi desenhada uma carta da região que deveria ser devastada. Ela recebeu a aprovação do comunicante. Mais ainda, êste aconselhou fazer registrar oficialmente, por três notários diferentes, as comunicações obtidas, com todos os detalhes fornecidos. O que foi feito.

No dia 26 de janeiro de 1959, a mesma entidade afirmou que o anunciado desastre ocorreria dentro de dois ou três dias.

Dois dias depois, a 28 de janeiro, os jornais de todo mundo anunciaram que as regiões em tórno de Adana e Mersin haviam sofrido graves danos resultantes de uma súbita inundação. Isto correspondia exatamente à informação obtida cinquenta dias antes.

Daí o Dr. Rushelman concluiu que estas divulgações, provindas do plano transcendental, têm por objetivo provar aos homens que existe, além de sua própria existência corporal, uma vida espiritual superior que pode, para a evolução da humanidade, criar acontecimentos de acôrdo com os desígnios da Divindade.

Junto à carta de informação do Dr. Rushelman vieram diversos recortes ilustrados de jornais turcos e igualmente uma página reproduzindo extratos da imprensa turca.

Um dêsses extratos chamou a nossa atenção. Trata-se da questão do anúncio, obtido pelo Grupo do Dr. Rushelman, dum grande tremor de terra na Turquia. O Dr. confirmou o fato, sem dar particularidades, declarando que estas estavam, por ora, nas mãos dos notários.

Aguardemos a realização desta nova predição, deplorando agora se, por infelicidade, a prova ainda ferir o povo da Turquia.

Habitue-se à serenidade e à fortaleza, nos círculos da luta humana; sem essas conquistas dificilmente sairá você do vaivém das reencarnações inferiores. — (A. L.)

Espiritismo no Brasil

Dante Ferioli

Próximamente o nosso representante - viajante, sr. Dante Ferioli, percorrerá a zona sul do Paraná, devendo visitar as seguintes cidades de referida zona:

Jacaresinho, Santo Antonio da Platina, Joaquim Tavora, Quatiguá, Siqueira Campos, Ponta Grossa, Reserva, Palmeira, João Eugênio, Curitiba, Irati, Rebouças, Piraquara, Morretes, Guaratuba, Paranaçuá, Antonina, Lapa, São Mateus do Sul.

Depois entrará na zona sul de São Paulo, passando pelas seguintes cidades: Ribeira, Itaóca, Guapiara, Capão Bonito, Itapeva, Itararé e Itaberá.

Aos confrades assinantes de «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo», residentes nessas cidades, solicitamos dar boa acolhida ao nosso representante-viajante, facilitando o seu trabalho, contribuindo assim, para a maior difusão da causa que nos irmana.

O nosso representante-viajante, sr. Dante Ferioli, por intermédio da «Revista» agradece, sensibilizando, a todos os confrades da zona Norte do Paraná, pela atenção que lhe dispensaram, por ocasião da sua visita àquela zona.

A todos, pois, desejamos muitas felicidades e votos de muito progresso espiritual, votos estes extensivos às suas exmas. famílias.

Declaração Espírita de Princípios Educacionais

A I Convenção Espírita de Defesa da Escola Pública, reunida em São Paulo, de 11 a 16 de julho de 1960, apoiada e integrada pelos órgãos de máxima representação do movimento espírita estadual, depois de examinar atentamente, com a colaboração de eminentes educadores de orientações ideológicas diversas, a situação atual do ensino e da política educacional no Brasil, resolve:

a) — Declarar lesivo aos interesses nacionais, altamente atentatório às conquistas democráticas da educação brasileira e ao seu desenvolvimento, e anti-constitucional, o Projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, aprovado pela Câmara Federal e em tramitação no Senado da República.

b) — Manifestar sua esperança de que o Senado rejeite essa nefasta proposição, propiciando a necessária oportunidade à Câmara Federal para reexaminar sua posição, atualmente comprometedor, em face do problema básico da educação.

c) — apelar aos Partidos, às Instituições representativas de nossas forças econômicas, sociais e culturais, seriamente ameaçadas pelas inevitáveis e imprevisíveis consequências do referido projeto, e a sua excelência o sr. Presidente da República, para tomarem medidas urgentes de pre-

servação do nosso patrimônio educacional.

d) — Apelar às Bancadas Paulistas na Câmara e no Senado Federal, para que tomem posição enérgica na defesa da escola pública, do ensino livre e obrigatório em todo o país, como único meio possível de libertarmos o povo do analfabetismo, da ignorância e da miséria.

e) — Formular a seguinte declaração espírita de princípios educacionais, que define a posição dos espíritas paulistas, em consonância com os de todo o país, segundo a orientação doutrinária e as manifestações individuais e de instituições já efetuadas por todo o território nacional, em face do problema da educação:

1.º) No Plano Geral:

I — Ensino livre, gratuito, e educação leiga, para toda a população, através de escola pública, mantida pelo Estado, segundo a política educacional e a filosofia democrática da educação consagradas pela Constituição Federal.

II — Liberdade para a iniciativa particular no ensino supletivo, em todos os graus, desde que respeitados os princípios democráticos e o caráter leigo do ensino público, indispensáveis à formação da unidade espiritual da nação, em bases humanistas.

III — Exclusão urgente do ensino religioso facultativo nas escolas públicas e particulares, por constituir fonte de discriminações e injustiças, prejudicando os

superiores objetivos pedagógicos.

IV — Formação moral no ensino leigo, como suplemento da familiar, através de normas éticas de ordem geral e de educação cívica elevada, com vistas à formação humanista.

V — Ensino de religião como matéria filosófica, nos cursos médio e superior, sem qualquer tendência sectária ou particularista.

VI — Instituição de penalidades legais para a prática de qualquer forma de discriminação nas escolas públicas e particulares, inclusive as decorrentes da posição civil dos pais.

VII — Combate à evasão escolar no curso primário, assegurando-se a sua extensão a toda a população em idade escolar.

VIII — Instituição de medidas efetivas de aproveitamento vocacional, a partir do curso primário, superando-se, com os recursos do Estado, os prejuízos decorrentes dos desníveis econômico-sociais, no aproveitamento de aptidões especiais.

IX — Incentivo do ensino técnico, agrícola, e da pesquisa científica, através de planejamento adequado e da instalação de escolas primárias, médias e superiores especializadas, em todo o país.

X — Aplicação rigorosa dos dinheiros públicos na manutenção, desenvolvimento e aprimoramento do ensino público, sem qualquer desvio de recursos para a escola particular ou outras finalidades.

2.º) No Plano Doutrinário:

XI — Ensino da Doutrina Espírita no lar e nas instituições doutrinárias, a-

través de cursos especiais, como se faz atualmente.

XII — Instituição de cursos de extensão cultural para jovens e adultos, relacionados com a Doutrina Espírita, a exemplo dos que são ministrados pelo Instituto de Cultura Espírita do Brasil, visando à boa formação cultural do meio espírita.

XIII — Manutenção das escolas espíritas existentes e criação de outras, no maior número possível, como meio de propiciar aos pais espíritas a oportunidade de subtraírem seus filhos às influências e a coação religiosa imperante na maioria das escolas particulares, e até mesmo na escola pública atual, minada pela excrescência legal do ensino religioso facultativo.

XIV — Apoio e incentivo às instituições de pesquisa científica da fenomenologia espírita, objetivando o desenvolvimento constante das bases científicas da doutrina.

XV — Esclarecimento constante da opinião pública sobre o sentido e a finalidade humanista do Espiritismo, como um momento histórico de transição dos problemas sobrenaturais para o plano do natural, enquadrados na sistemática racional das leis que regem o universo.

Estudo científico de parapsicologia

O Grupo de Estudos de Parapsicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e a Comissão de Astronáutica e Cibernetica da Fundação Santos Dumont

cogitam de realizar uma reunião conjunta, nesta capital, a fim de tratar de um plano de colaboração para o estudo em bases científicas de fenômenos parapsicológicos, principalmente da telepatia e da pre-moção (receber avisos, advinhar fatos futuros etc.). O primeiro grupo é formado por alunos do prof. Anibal Silveira, da cadeira de Psicopatologia da FFCL, e é orientado pela sua assistente, prof.^a Elsa Antunha, e na CAC da FSD o assunto vem sendo estudado pelo prof. Flavio A. Pereira, que há longos anos mantém intercâmbio com centros de estudos parapsicológicos de outros países principalmente com o prof. Rhine, da Universidade de Duky, que virá nas férias de verão do próximo ano a São Paulo, a seu convite, a fim de dar um Curso de Parapsicologia.

Passamento

Celeste Ferrarezzi Bonfoqui

Depois de insidiosa moléstia que a reteve ao leito durante três meses, suportando com fé e coragem os seus sofrimentos, desencarnou no dia 5 deste mês, nesta cidade, com a idade de 78 anos, nossa irmã Celeste, viuva do nosso confrade Brando Bonfoqui.

Companheira nas sessões semanais do Centro Espírita «Amantes da Pobreza» desde seus primórdios, com Cairbar Schutel e depois com José da Costa Filho e todos nós, como sua frequentadora assídua, o seu passamento deixa uma grande lacuna em nosso meio espírita, com a falta de seu convívio agradável e fraterno, pois a irmã Celeste

foi sempre uma servidora e amiga de todos.

—Que o irmão Bonfoqui e demais companheiros de luta, já na espiritualidade, que a estimam, possam recebê-la de braços abertos sob as bençãos de Jesus, são os nossos votos.

Aos nossos colaboradores

Seria agradável que pudessemos aumentar o número de páginas desta «Revista» para possibilitar um

atendimento mais constante na publicação de trabalhos dos prezados colaboradores. Isso, porém, não tem sido possível para não agravarmos, no momento de tantas dificuldades, as despesas já existentes.

Assim, para podermos contentar a todos, publicando maior número de vezes as produções de cada um, pedimos que nos mandem artigos que não ultrapassem de três páginas da «Revista», resumindo ou sintetizando as suas teses, proporcionando-nos, dentro do

espaço reduzido disponível, atender melhor a todos e oferecer leitura mais variada ao público.

Para trabalhos de estudo e longo fôlego, há o recurso de dividi-los em pequenos capítulos seriados.

Pedimos também o cuidado dos artigos serem escritos a máquina, em dois espaços, e num só lado da folha de papel, a fim de facilitar-nos a composição e a revisãc.

A REDAÇÃO

CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

Órgão da Federação Espírita Brasileira
Súmula da ATA da reunião ordinária, realizada em 3 de Setembro de 1960

À hora regimental, profere o Presidente a prece de início e declara abertos os trabalhos, mandando ler a ATA anterior, que é aprovada. No expediente são lidos: ofício da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, anunciando a realização, em Janeiro de 1961, do I Seminário de Dirigentes de Casas Espíritas Federadas e convidando o Conselho para o mesmo, cujo temário apresenta; ofício da Federação Espírita do Rio Grande do Norte, enviando circular remetida às suas sociedades adesas, sobre trabalhos da Comissão de unificação; comunicação da Juventude Espírita Cearense sobre o êxito da IV Concentração das Mocidades Cearenses e da exposição de livros espíritas e sobre as atividades do Departamento Hospitalar da União Espírita Cearense.

Guanabara — O Conselheiro Aurino Souto, representante da Liga Espírita do Estado da Guanabara, declara

haver comparecido a uma reunião, para debate do Projeto de Diretrizes e Bases de Educação, desinteressando-se do assunto, em face da deliberação assumida pela F. E. B. sobre êle.

Pernambuco — O Conselheiro Joaquim da Costa Vilaça renuncia à representação da Federação Espírita Pernambucana no Conselho Federativo, em virtude de sua eleição para o cargo de Segundo Secretário da F. E. B.

Mato Grosso — Comunica o Conselheiro Clemente Martins a adesão, à Federação Espírita de Mato Grosso, de mais sete sociedades espíritas, e a construção do Centro Espírita «Paulo de Tarso» e do «Lar Ismael».

São Paulo — O representante, Conselheiro Dr. Luiz Monteiro de Barros, discorre sobre a magnífica obra do Centro Espírita «Joana D'Arc», em Itararé, e comunica que, com a colaboração do Conselho Metropolitano da USE, a Federação Espírita de São Paulo fará realizar, em Janeiro de 1961, o segundo curso intensivo de preparo de evangelizadores do Estado. Às dezesseis horas, feita a prece de encerramento pelo representante de São Paulo, declara o Presidente encerrada a reunião.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obséquio de nos mandar com tóda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Na Escola do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Espiritismo e as Doutrinas Es-
piritualistas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos :

Evolução Anímica
Fenômeno Espírita
A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
Resumo da Doutrina Espírita.
A Loucura sob um novo prisma
Fenômenos de «Transporte»
A Psiquiatria em face da reencar-
nação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam

Romances :

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Do Calvário ao Infinito
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Apenas uma sombra de mulher
Mireta
Redenção
Lidia
A Scaâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Cruzada Redentora — 3 vols.

Infantis :

Seara Infantil
Conselhos ao meu filho (contos)
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Es-
píritos
Os meus deveres
História de Catarina
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo — Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Obras mediúnicas recebidas pelo
médiun Francisco C. Xavier

Brasil, Coração do Mundo

Evolução em dois mundos

Caminho, Verdade e Vida

Parnaso de Além-Túmulo

Instruções Psicofônicas

Religião dos Espíritos

Cartas de uma morta

A Caminho da Luz

Pensamento e Vida

Novas Mensagens

Contos e Apólogos

Pontos e Contos

Perolas do Além

Falando à Terra

Os Mensageiros

Gotas de Luz

O Consolador

Luz Acima

Fonte Viva

Ave Cristo

Emanuel

Voltei

Roteiro

Renúncia

Pai Nosso

Boa Nova

Nosso Lar

Libertação

Jesus no Lar

Agenda Cristã

Vinha de Luz

Ação e Reação

50 Anos Depois

Lázaro Redivivo

Há dois mil anos

Paulo e Estevam

No Mundo Maior

Missionários da Luz

Cartilha da Natureza

Vozes do Grande Além

Entre a Terra e o Céu

Obreiros da Vida Eterna

Crônicas de Além-Túmulo

Nos Domínios da Mediunidade

A VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»

Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo

Redator: Italo Ferreira

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira*, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.\$120,00
Semestre	—	„ „	60,00
Ano	—	Assinatura registrada	180,00
Semestre	—	„ „	90,00

NÚMERO AVULSO CR.\$ 12,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

e na LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL

Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.º andar — Sala 2 — SÃO PAULO

